



A PROBLEMÁTICA DO ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Consequências do ensino/aprendizagem
nas escolas públicas do CRATO-CE.

VANDENISIO SANTOS SILVA



EDITORAS
INOVAR

**A PROBLEMÁTICA DO ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO:
CONSEQUÊNCIAS DO ENSINO/APRENDIZAGEM NAS ESCOLAS
PÚBLICAS DO CRATO-CE**



VANDENISIO SANTOS SILVA

A PROBLEMÁTICA DO ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO:
CONSEQUÊNCIAS DO ENSINO/APRENDIZAGEM NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO
CRATO-CE



Copyright © do autor.

Todos os direitos garantidos. Este é um livro publicado em acesso aberto, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado. Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Internacional (CC BY- NC 4.0).



Vandenisio Santos Silva.

A problemática do ensino de filosofia no ensino médio: consequências do ensino/ aprendizagem nas escolas públicas do Crato-CE. Campo Grande: Editora Inovar, 2021. 90p.

ISBN: 978-65-80476-60-2

DOI: 10.36926/editorainovar-978-65-80476-60-2

1. Filosofia. 2. Ensino. 3. Aprendizagem. 4. Professor. 5. Aluno. I. Autor.

CDD – 100

As ideias veiculadas e opiniões emitidas nos capítulos, bem como a revisão dos mesmos, são de inteira responsabilidade do autor.

Capa: Juliana Pinheiro de Souza

Conselho Científico da Editora Inovar:

Franchys Marizethe Nascimento Santana (UFMS/Brasil); Jucimara Silva Rojas (UFMS/Brasil); Maria Cristina Neves de Azevedo (UFOP/Brasil); Ordália Alves de Almeida (UFMS/Brasil); Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas (UnB/Brasil), Guilherme Antônio Lopes de Oliveira (CHRISFAPI - Cristo Faculdade do Piauí).

Este livro evidencia o resultado da dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Ciências da Educação da Universidad Americana, como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre. Orientador: Prof. Dr. Francisco Palau.

A Deus
A meus pais
A minha esposa
A minha filha
Ao prof. Dr. Francisco Palau
A Universidade Americana
Aos professores e estudantes de Filosofia

O ensino da filosofia, mais que um prolongamento sapiencial específico, é um poder de começo. É o que se pode entre outras coisas, decifrar do prólogo do Fédon: diante da questão de um continuar depois de Sócrates, a reafirmação, para efetuar a continuação, de um começo de Platão. A descontinuidade física da filosofia (mortes de homens, perdas de manuscritos, destruição de escolas, esquecimento dos contextos etc), não se supera somente pela renovação das disciplinas ou arquivamento dos escritos, a defesa das instituições, o aperfeiçoamento dos paradigmas explicativos, mais ainda por uma série descontinua de recomeços que o ato de ensinar produz em particular no dia-a-dia. DOUAILLER, 2003, p. 28

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise circunstanciada ao longo de dois anos (2011/2012) acerca da Problemática do ensino de Filosofia no ensino médio: consequências do ensino-aprendizagem nas escolas públicas do Crato-Ce. O que se pretende aqui é, a partir de alguns pressupostos teóricos, descrever a importância do ensino da filosofia para os alunos do ensino médio das escolas públicas do Crato. Procurou-se expor o valor histórico da filosofia, bem como demonstrar a realidade do processo de ensino-aprendizagem aplicado na disciplina pelos professores e alunos envolvidos. Buscou-se respostas, enfim, pelas capacidades críticas desenvolvidas pelos atores do processo educativo realizado em sala de aula. Com esse propósito, realizou-se um estudo do tema na literatura, e, em seguida, aplicação de questionários com professores e alunos do ensino médio. As respostas encontradas não são otimistas. Muitos alunos são resistentes ao conteúdo filosófico, falta motivação e existe bastante indisciplina por parte dos discentes. Soma- se a isto, a quantidade de docentes sem a devida formação filosófica, além de pouca atenção por parte do Estado. A filosofia sem o ensino de qualidade dificilmente poderá causar efeito positivo para a história.

Palavras-chaves: Filosofia. Ensino/Aprendizagem. Professor. Aluno. Escola.

ABSTRACT

This study proposes a detailed analysis over the course of two years (2011/2012) about the Problem of Philosophy teaching in middle school: consequences of teaching-learning in public schools of Crato-CE. What it intends here is, from some theoretical assumptions, describe the importance of the teaching of philosophy for the middle school students of public schools of Crato-CE. It tried to expose the historical value of philosophy, as well as demonstrate the reality of the teaching-learning process applied in the discipline by teachers and students involved. It looked for the answers, in order, by critical thinking skills developed by the actors of the educational process conducted in, classroom. With this purpose, we conducted a study of the theme in the literature, and, then, the application of questionnaires with teachers and middle school students. The answers found are not optimistic. Many students are resistant to philosophical content, lack motivation and there is much indiscipline on the part of the learners. In addition to this, the quantity of teachers without proper philosophical formation, in addition to little attention on the part of the State. The philosophy without the quality teaching can hardly cause positive effect to the story.

Key words: Philosophy. Teaching/Learning. Teacher. Student. School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. MARCO TEÓRICO	12
1.1 VALOR HISTÓRICO DA FILOSOFIA	12
1.2 O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM FILOSOFIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO CRATO-CE	15
1.3 CAPACIDADES CRÍTICAS DE PROFESSORES E ALUNOS DAS ESCOLAS PÚBLICAS DO CRATO-CE	19
Pergunta central	25
Perguntas específicas	25
Objetivo geral	25
Objetivos específicos	25
Justificativa	26
Hipótese de investigação	26
2. MARCO METODOLÓGICO	27
Contexto de investigação (lugar de estudo)	27
Desenho da investigação	27
Enfoque	27
2.1 Utilidade da filosofia no ensino médio	28
2.2 A filosofia e sua aplicabilidade em sala de aula	29
2.3 A práxis docente em filosofia nas escolas de Crato	32
2.4 O processo de ensino/aprendizagem em filosofia nas escolas do Crato.	36
2.5 Possibilidades para o ensino de filosofia na escola pública.	38
2.6 Prospectivas para o ensino de filosofia.	42
3 UTILIDADE DA FILOSOFIA A PARTIR DOS PROFESSORES E ALUNOS DAS ESCOLAS DO CRATO	44
3.1 A Filosofia e seu plano de emancipação social	45
3.2 O senso crítico dos alunos nas escolas do Crato	47
3.3 A relação professor/aluno quanto ao ensino/aprendizagem de filosofia.	52
4 A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO QUANTO AO ENSINO/APRENDIZAGEM DE FILOSOFIA	58
4.1 A Filosofia e seu lugar na sala de aula contemporânea	61
4.2 Exigências constantes para o ensino de filosofia	67
4.3 As características do ensino/aprendizagem de filosofia	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
BIBLIOGRAFIA	85
ÍNDICE REMISSIVO	87

INTRODUÇÃO

A pesquisa em pauta tem como base, expor o valor do ensino de Filosofia nas principais escolas da cidade do Crato-CE. No referido município existem 10 escolas da rede pública, que possuem matriculados no ano de 2013, o total de 4.483 alunos. A pesquisa utilizou-se apenas de 04 escolas, para fazer o estudo, onde foram entrevistados 1.757 alunos, correspondentes a 28% dos estudantes oficialmente matriculados no município do Crato.

A secretaria de educação do Crato integra institucionalmente a Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação - CREDE 18, fazendo parte da SEDUC-CE (Secretaria de Educação do Ceará). As escolas utilizadas para a pesquisa foram: Escola Teodorico Teles de Quental, Presidente Vargas, Joaquim Valdevino de Brito e Estado da Bahia.

Na primeira parte encontrar-se-á o projeto de pesquisa que mostrará os passos seguidos para a construção da pesquisa, que versará sobre um estudo relacionado nas respectivas escolas, cuja tabulação dos dados será exposta por meio de gráficos e consequentemente analisadas.

Além do projeto, consequentemente será exposto sob forma de gráficos e relatos de alunos e professores, a compreensão sobre o ensino de Filosofia, especificamente, se existe sintonia entre o ensino e aprendizagem nas respectivas escolas. As exigências para um ensino produtivo terão como âncora a aprendizagem dos alunos, que poderá ser analisado de forma relativamente criteriosa, por meio de particularidades genuínas dos professores e alunos das respectivas escolas.

A abordagem percorrerá enredada de dados, exposições, e bases teóricas de autores que tratam da funcionalidade da Filosofia no ensino médio. Os dados são todos fiéis ao questionário proposto, que contém 06 questões remetidas aos professores e alunos, que nas devidas proporções serão analisados, comparados e tecidos os devidos comentários.

O estudo parte da inquietação quanto ao ensino de Filosofia nas escolas públicas, onde existem dificuldades concretas, cuja recepção não é otimista. Cuja pergunta principal é a seguinte: Quais as debilidades no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Filosofia que impedem o desenvolvimento da criticidade dos alunos do Ensino Médio nas escolas públicas da cidade do Crato, Ceará? A resistência quanto ao conteúdo filosófico será observada de forma concisa,

haja vista muitos pesquisadores servirão de referencial teórico para reforçar a importância da Filosofia quanto à formação integral do cidadão. Tendo em vista os dados, respostas, e teorias supracitadas, também será foco o modelo de ensino utilizado atualmente pelos professores, que pode repercutir negativamente relativo à indiferença concernente ao aprendizado de Filosofia pelos alunos. Outro fato latente se manifesta quanto à indisciplina, que não raro atrapalha a transmissão do conteúdo, e subtrai a aprendizagem, tornando o ensino deficitário. Aliás, também o valor remetido à Filosofia pelo sistema educacional vigente, que não se manifesta quando professor de outra área de ensino, com o aval da direção escolar, se constitui professor de filosofia sem ter a devida habilitação.

Este trabalho busca apresentar um estudo crítico sobre a debilidade do Ensino de Filosofia nas escolas públicas de Ensino Médio na cidade do Crato-Ce. Dessa forma, pretende-se identificar as dificuldades encontradas por alunos e professores que fazem da disciplina de Filosofia um estudo superficial e tênue, contrariando a própria essência do ato de filosofar.

A relevância desta pesquisa se encontra exatamente no fato de que a Filosofia no Ensino Médio ainda não consegue alcançar os objetivos desejados para formar alunos críticos, capazes de apreender os conceitos básicos da disciplina e atuarem na sociedade de forma consciente no exercício de sua cidadania.

Esta investigação pode oferecer importante contribuição para a sociedade uma vez que, a Filosofia busca a formação do ser humano de forma integral. O ser livre, consciente, ético e possuidor de virtudes morais é um ideal muito distante do nosso modelo de sociedade capitalista. Pensar filosoficamente é buscar este indivíduo que não ficou no modelo do passado ateniense, mas está na construção de cada um e de toda comunidade.

A filosofia se tornou oficialmente inclusa nos programas educacionais modernos do ensino Médio, legalmente constituída como regular. Seu ensino sofre reveses no arcabouço da sala de aula, se tornando reticente na mente de muitos alunos. A escola, na prática, mesmo divulgando a formação integral do aluno, sobretudo a cidadania; concretamente não expõe a filosofia como disciplina fundamental, afinal “qualquer” professor pode lecioná-la. O que fazer para torná-la agradável, acessível ao aluno, capaz de torná-lo inclinado ao estudo filosófico? A pesquisa expõe uma série de entraves que dificulta o ensino/aprendizagem filosófico;

aliás, se o ensino já traz em sua atividade educativa, o avesso da educação excelente, não se é diferente com a disciplina filosófica.

O professor de filosofia que não é filósofo, não tem competência legal para o ensino, todavia está lá, prestando um serviço (ou quem sabe um desserviço) a educação. Não raro, o aluno sente o parco valor prestado à disciplina, pois sendo exposta “de qualquer jeito” denota debilidade, sendo aceito da mesma forma que é lecionada. A filosofia tende a ser anacrônica, visto não ser utilizada em sala como deveria, pois, como expõe a pesquisa, as estratégias são tênuas, consequentemente não tendo relevância para vida cidadã do aluno. A filosofia como se expõe em todo o curso do trabalho, expõe o valor milenar e formativo da filosofia, no que toca a formação integral do indivíduo, quando se planeja devidamente seu ensino.

Falta de interesse, poucos profissionais na área, alunos que muitas vezes não tem hábito de leitura, tampouco interesse pela discussão ou pesquisa filosófica.

1. MARCO TEÓRICO

1.1 VALOR HISTÓRICO DA FILOSOFIA

A filosofia tem valor superabundante para a história da ciência humana, aliás, ela é base, raiz de onde todo conhecimento epistemológico ganhou sentido. A racionalidade filosófica produz nova mentalidade, aguça a curiosidade cujo desfecho é a pertinência do saber. Todo o conhecimento científico com sua sistematização e objetividade teve gênese na sabedoria filosófica.

A busca de explicação convincente da realidade se fez sentir pelos filósofos da natureza, haja vista criaram um jeito particular de compreender a realidade cosmológica, via especulação dos elementos constitutivos da natureza. Quem iniciou este estudo sistemático em busca de explicação racional da realidade foi Tales de Mileto (623-546 a.C.), o qual compreendia a gênese de todas as coisas, tendo como substância primordial a água. Sendo, sobretudo importante para a matemática quando criou lógico e sumptuoso teorema. Ele teve o mérito de ser considerado o “pai da filosofia”. Anaximandro (610-647 a.C) acreditava que toda a existência era oriunda da indeterminação, substância diferente, ilimitada: *apeíron; substância* de onde provém todo o cosmos. Anaxímenes (588-524 a.C) afirmava categoricamente que tudo tinha sua origem no *ar*, pois a alma como tal é um sopro, que constitui também a vida humana, e que quando deixa de existir no corpo, logicamente este perece. Pitágoras (570-490 a.C) que também fundou a escola pitagórica tinha plena convicção de que o surgimento e a ordem do mundo tinham sua explicação a partir do seu nascedouro que é o número. Cf. COTRIN, (2006. p. 52)

A filosofia ganha espaço na geografia grega e inúmeras escolas se erguem com o propósito de fornecer explicações seguras sobre a natureza, política, matemática e principalmente sobre a convivência humana. O ser humano passa a ser debatido com maior frequência pelos letreados da época que viviam para discutir na Ágora sobre a ordem social, sendo a filosofia a base da estrutura da cidade grega, haja vista acreditavam que o virtuoso político tinha que ser o filósofo. Heráclito (500 a.C) pensador de Éfeso emitiu um discurso filosófico baseado no enunciado de que o ser, tão discutido pela filosofia e outras ciências naturais, é mudança contínua. Para ele, nada permanece da forma como os sentidos captam; mas tudo flui, tornando-se mobilidade ininterrupta. Heráclito pode ser considerado como o principal

representante do pensamento dialético. É deveras atual o fenômeno da filosofia contida na tecnologia moderna, ora, tudo é mutável, fugaz, aliás, o avanço tecnológico mostra que o inédito, tem pouca duração. Cf. COTRIN, (2006. p. 58)

Parmênides de Eléia (510-470 a.C.) não admitiu como teoria verdadeira o princípio da mobilidade de Heráclito e afirmou intrepidamente que o ser é, e sua não existência é pura falácia. O princípio da lógica e da não contradição segundo os pressupostos da filosofia tem suas bases na imutabilidade do ser de Parmênides. Cf. COTRIN, (2006. p. 60)

Este tempo que corresponde às escolas filosóficas pré-socráticas foi essencial para construção posterior de conceituadas teorias de envergaduras filosóficas proeminentes. A filosofia era ensinada em toda a geografia grega. Legendários nomes ganharam destaque pela sabedoria efetivada nos discursos erigidos em praça pública, banquetes, “debates a céu aberto” com jovens iniciantes, onde se discutia variados temas sociais e antropológicos, visto que se tinha como propósito defender posição particular sobre valores, virtudes, religião, amor e arte, em virtude do esclarecimento e educação de muitos jovens que circundavam os grandes sábios da época.

Sócrates (469-399 a.C.) era o ícone do homem justo, sóbrio, educador por excelência. Ele não escreveu nenhuma página; pergaminho algum tem sua impressão autoral, contudo seu legado filosófico marcou a posteridade ocidental pela engenhosa habilidade escrita de seu discípulo Platão.

Na Grécia clássica, de forma bem particular no período pré-socrático, as investigações filosóficas tinham como campo a *físis*, por isso era compreendida como cosmologia. Surge nesta época a sofística, que recebera intensa crítica de Sócrates, sobretudo pelo método educativo que fugia de todo o padrão convencional adotado pelos cidadãos gregos.

O período sofístico caracteriza

O momento histórico vivido pelo mundo grego que favoreceu o desenvolvimento deste tipo de atividade praticada pelos sofistas. Era uma época de lutas políticas e intenso conflito de opiniões nas assembleias democráticas. Por isso, os cidadãos mais ambiciosos sentiam necessidade de aprender a arte de argumentar em público para conseguir persuadir em assembleias e, muitas vezes prevalecer seus interesses individuais e de classe. (COTRIN, 2006. p. 84)

Os sofistas eram professores que cobravam pelos seus ensinamentos. Difundiam um padrão antropológico que tinha como pedagogia a arte do

convencimento por meio de discursos engenhosos, capazes de conquistar a adesão de seus interlocutores. Ora, a verdade segundo esta casta intelectual era relativa, dependia sobremaneira da capacidade do poder argumentativo, do potencial persuasivo utilizado para a conquista dos objetivos propostos. Protágoras (480-410 a.C) foi o representante máximo da sofística, capaz de afirmar que “o homem é a medida de todas as coisas”.

Platão (427-327 a.C) discípulo de Sócrates tinha um verdadeiro esmero pela sua arte educativa. Portava a convicção de que seu mestre era o homem mais justo e sóbrio de toda a Grécia. A sofística e sua metodologia formativa era uma afronta a toda virtude propagada por Sócrates. Platão fundou em 387 a.C. em Atenas uma célebre escola filosófica chamada de Academia. É sabido que este local de ensino filosófico foi a primeira instituição universitária propriamente dita de educação para jovens livres de Atenas. Partindo de suas pesquisas, Platão chegou à conclusão acerca do conhecimento humano pressupondo que existem duas realidades: o mundo das ideias e o mundo das aparências. Seguindo seu raciocínio o mundo das ideias é o mundo real, inteligível, das essenciais incorruptíveis. Pode-se chegar ao seu fim por intermédio da filosofia, da pertinência especulativa da razão. O mundo das aparências são apenas cópias imperfeitas do mundo inteligível, posto que a alma eterna tenha no corpo uma espécie de cárcere, tendo por anseio o retorno ao mundo inteligível.

A dialética de Platão se tornou um método investigativo capaz de atingir o conhecimento autêntico: *episteme*, que é composto de uma afirmação (tese) uma negação (antítese) e uma conclusão (síntese) que tem o objetivo de promover a verdadeira manifestação da busca da verdade.

Aristóteles (384-322 a.C) é conceituado como um dos mais representativos filósofos da antiguidade. Um de seus feitos históricos aconteceu por volta do ano 335 a.C quando fundou a escola de filosofia chamada de Liceu da qual foi professor cerca de doze anos. Aristóteles foi discípulo de Platão e se serviu muito bem da inteligência de seu preceptor; todavia não concordou com a teoria filosófica em que afirmava que a realidade transmitida pelos sentidos não passava apenas de ficção, sombras do real. A ciência que tem sua concretização por meio do conhecimento sensitivo deve buscar as estruturas centrais de cada ser. Por meio da razão ou filosofia especulativa se pode chegar de forma inequívoca à essência das coisas, sem cometer distorções como pensava a teoria platônica.

No caso da ontologia aristotélica pode ser conceituada em duas realidades: o ato (o ser atualizado) e a potência (o vir a ser). Aqui se encontram de forma inconteste a imutabilidade de Parmênides e a mudança incontrolável de Heráclito; ou seja, a realidade se traduz na passagem irreversível do ato para potência e vice-versa. É o caso da existência do ser composta por substância (o que torna o ser o que de fato é e não passível de mudança) e acidente (o que é circunstancial, que não faz parte da essência do ser).

Aristóteles também definiu as características essências do ser: o que determina a realidade do ser, ou melhor, a sua causa. Primeiro a causa material (matéria); segunda a causa formal (forma: o ser propriamente dito) terceiro a causa eficiente (agente que produz) e por fim a causa final (razão de ser de cada coisa).

Toda esta configuração estrutural do ser pode ser conhecida por meio da filosofia, vontade do homem em conhecer a sua essência e principalmente ser justo. Para que o homem seja realmente realizado, ele tem que conhecer a si, buscar as virtudes elementares do bem e da justiça. Por isso sua filosofia prática se radica no meio termo, visto que nos extremos a justiça não pode residir. A moderação é uma das mais conceituada virtudes, que conduz ao verdadeiro sentido da vida na polis.

Não há ciência sem hipóteses, e de fato qualquer experimento científico requer segurança empírica para demonstrá-lo com eficiência. A filosofia tem potencial para especular, averiguar criteriosamente a verdade das coisas, na tentativa de superar a parcialidade e atingir a certeza sem equívocos.

A base da filosofia grega serve de suporte para a desenvoltura científica Ocidental. Neste caso, não há como desvincilar a sabedoria filosófica da epistemologia contemporânea, haja vista a humanização da própria ciência cabe ao saber ético filosófico. Na escola, o saber metodológico para chegar à profissionalização é salutar, todavia o conhecimento não se restringe apenas ao acúmulo de conteúdo, mas a formação integral, à prática das virtudes e exercício da reflexão filosófica.

1.2 O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM FILOSOFIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO CRATO-CE

Ensinar filosofia não é tarefa tão simples. A saber, é inegável a importância da atividade filosófica na construção de uma sociedade mais consciente. Na sociedade

contemporânea “a rainha de todas as ciências” parece perder espaço para ciências como matemática, biologia, física etc. Basta ver a importância dispensada à disciplina filosófica por parte do corpo discente nas instituições públicas e particulares.

A aceitação da filosofia pelos alunos é bastante tênue. Esta indiferença relacionada é oriunda dos moldes da educação nacional que pouco espaço cedeu às disciplinas reflexivas, como filosofia e sociologia. São poucas as aulas de filosofia nas escolas, aliás, existem pouco entusiasmo da parte do corpo discente para o conteúdo exposto em sala. Fruto de uma pedagogia que não possibilita a propagação da filosofia no ensino regular, afinal na escola qualquer professor pode lecionar filosofia, fazendo com que o descrédito deixe lastros pessimistas para os docentes de filosofia. Nas escolas existe maior interesse para Ciências da natureza, linguagens e códigos e ciências exatas, visto ter preferência em relação às ciências humanas. A escola não dispõe de interesse para dar espaço equivalente à filosofia ao que é dispensado a outras disciplinas. No espaço escolar onde a formação integral do aluno supostamente acontece é visível a indiferença referente à filosofia, tendo extensão para o alunato.

Antes de tudo, uma instituição de controle social e de formação de subjetividades, um dispositivo que normaliza e simultaneamente totaliza enquanto engloba, ou procura englobar, os que assistem a ela, naquilo que uma instância exterior determina como normal e sanciona como correto. Como tal, a escola produz e reproduz saberes e valores afirmados socialmente. Para isso se vale da complexidade do currículo (em suas dimensões explícita e oculta), isto é, não só dos conteúdos curriculares, mas também do conjunto de práticas, discursivas e não-discursivas, que abriga: desde aspectos mais visíveis como as normas de comportamento, a exigência de uniformes, o posicionamento dos corpos em sala de aula, corredores, pátios e salas de direção, a disposição do espaço institucional, até outros menos visíveis como as relações de estima e autoestima, o ordenamento do tempo, a avaliação do êxito individual e a competição, o medo da aposta e do fracasso. (KOHAN & WAKSMAN, 1998, p. 85)

O professor de filosofia tem que portar esforço duplicado para atrair atenção da turma, que dispensa pouco interesse para a aula. Filosofia fora compreendida durante muito tempo como disciplina difícil, hermética, somente função de gente intelectual. Na atualidade, aparentemente ficou mais fácil interpelar o aluno para fixá-lo no conteúdo proposto, haja vista a tecnologia informatizada, vídeos e trechos de música possibilitem aulas mais atraentes. O planejamento bem estruturado ainda é preponderante para expor estratégias viáveis para prover pertinentes debates em sala.

Nós que nos dedicamos ao ensino da filosofia temos como habituais acompanhantes na nossa vida profissional duas perguntas muito simples que parecem ser as orientadoras de nossos passos didáticos mais decididos, mas também de nossas preocupações filosóficas mais reiteradas: Como ensinar? O que ensinar? Ensinar filosofia supõe pôr em ação uma atividade ou uma prática a partir de certas questões que não estão constituídas como um campo fechado de saberes e, como essa atividade é também seu próprio objeto, abordar os desafios do que e como tornar-se uma tarefa complexa; mas, por sua vez, constituem desafios filosóficos sugestivos que evitam, se estamos alerta, que entremos em uma rotina asfixiante. (CERLETTI, 1999, p. 149).

A filosofia por não ter objeto específico como outras disciplinas, e não ser veementemente exigida nos vestibulares; torna-a pouco prestigiada, visto que não há exigência de seu conteúdo diretamente nos concursos nacionais. Neste caso, dar aula de filosofia é um desafio, pois ter domínio de sala por meio de criatividade no exercício da aula é de certamente conquista venerável.

A atitude filosófica quando levada a cabo, modifica a existência do sujeito. Temáticas podem ser abordadas como ética, religião, dever, existência de Deus, ateísmo, e a própria existência com suas incertezas cotidianas. Existe atratividade quando existe gosto, porém interpelar o desejado pela filosofia ainda é o ‘calcanhar de Aquiles’ de inúmeros professores.

Isto poderá se dar tanto no contexto dos temas clássicos da filosofia, na discussão dos “conhecimentos” filosóficos habituais, como na discussão de qualquer problema, já que o fator importante é que a palavra do outro possa ter algum sentido diferente de repetir o já sabido; que o que se estabeleça em uma aula de filosofia não seja simplesmente um circuito de reprodução e verificação; que a aula não seja o lugar onde o professor ofereça respostas a perguntas que seus alunos não tenham formulado. (CERLETTI, 2004, p. 31)

A filosofia traz em sua essência a valorização da condição humana como ser capaz de construir sua história. Não se tem em mente defender a condição particular do homem como ser isolado; mas de ratificar nele seu valor de cidadão que se encontra enquanto ser, quando se estiver dentro do grupo social. Por isso a filosofia não é mera teoria, abstração irresoluta de atividades mentais; mas se manifesta como um aprendizado consciente da vida em comunidade. Neste caso, conhecer é o propósito angular do filósofo que nunca se contenta com sua conquista recente, mas busca conscientemente aprimorar suas virtudes particulares.

Aprender a filosofar é aprender a inquietude. Estudar filosofia é enveredar pela instigante busca do conhecimento, da sabedoria socrática, pois o aprendiz se torna ciente de sua própria ignorância e busca incessantemente chegar dialeticamente a outro grau de saber. A filosofia da educação tem como meta fazer o homem caminhar em busca da lucidez intelectual, mostrar o caminho por onde a sabedoria pode ser encontrada, tornando sujeito da história o homem consciente de seu valor.

Quando existe aprendizado no âmbito da filosofia, a mente humana não aceita como verdade qualquer tipo de fato, teoria ou ideologia, mas primeiro se faz a investigação coerente dos casos, vendo não somente os indícios de forma superficial, parcial; mas perseguindo a verdade que em alguns casos está velada, camuflada na representação inócuia da realidade.

Por isso, a filosofia sobreviveu às revoluções históricas. Suportou o avanço voraz da ciência que se tornou hegemônica em todo o planeta. A filosofia não só escapou da sua possível queda, mas continua sendo questionadora, reflexiva, capaz de possibilitar um sentido novo e bem elaborado da história.

O ensino da filosofia, desde os tempos mais antigos, é executado com o intuito de transformar significativamente a humanidade. Na Grécia a filosofia foi uma via de instrução humanística e ética que capacitava ao indivíduo se incorporar à cidade como consciente de seus direitos e deveres. A filosofia nesta circunstância tinha o mérito de tornar o homem justo e reto, educado. Na sociedade moderna, é fato que a filosofia do séc. XVIII propõe ao Ocidente uma postura mais liberal, tipicamente antropológica, em que a teologia é substituída pela evolução científica de cunho antropológico. Gesta-se uma revolução no campo epistemológico. A escola humanista ganha terreno com o iluminismo que supera a inanição intelectual da Idade Média, dando vazão à ciência como novo critério de concretização da verdade.

A filosofia enquanto ensino ganha contorno formativo dentro da mudança histórica expressa pelas exigências da evolução científica. A passagem da Idade Média para a Moderna trouxe avanços significativos, expondo uma mentalidade anterior marcada pela estagnação cultural em todos os sentidos. A razão iluminista transpõe o sistema político radicado no feudalismo, e insufla revoluções tecnológicas e racionais, visto que se propaga um relativismo acentuado em relação às normas até então hegemônicas. O que se busca a partir da irrupção da modernidade é codificar um paradigma científico que seja independente de rótulos dogmáticos.

A filosofia marca um novo modelo na realidade sociocultural posterior ao renascimento e, sobretudo com grandes revoluções como a Revolução Francesa (1789) e a Revolução Industrial (séc. XVIII). No cenário moderno, a filosofia em alguns momentos da história foi perdendo sua força, não por se tornar carcomida, ultrapassada, mas sobremaneira por se chocar com sistemas totalitários que não aceitavam questionamentos remetidos aos poderes constituídos. A filosofia resistiu ao tempo, aos contratemplos e aos sistemas governamentais ditatoriais, todavia em alguns tempos perdeu sua força, sendo relegada ao segundo plano e no Brasil em pleno século XX com a irrupção da ditadura militar (1964) a disciplina fora substituída por Educação Moral e Cívica, pois perturbava os planos do Estado ditador.

1.3 CAPACIDADES CRÍTICAS DE PROFESSORES E ALUNOS DAS ESCOLAS PÚBLICAS DO CRATO-CE

Em cada circunstância histórica a filosofia tem valor superabundante. A filosofia com a irrupção da tecnologia de ponta, com a epidemia das ditaduras militares e, sobretudo na América Latina, passou a figurar no cenário mundial e, sobretudo no brasileiro como disciplina sem valor institucional. Primeiro a filosofia não dispõe de objeto concreto de estudo. A biologia, a matemática, a física e gramática todas são ciências que tem valor prático na história. O filosofar não demonstra cientificamente dados comprovados de forma lógica e objetiva.

No que se refere à filosofia, a honorabilidade e seu possível acatamento não aparecem de imediato e de forma materialmente evidente. Ele não produz resultados tecnológicos, e por isso, não se torna visível de forma observável. Os efeitos da filosofia se dão no espírito e na cultura de um povo ou de um indivíduo; daí não ser facilmente reconhecível. (OLIVEIRA, 2006, p. 34)

O ensino da filosofia incomoda grupos sociais constituídos. Para inúmeras pessoas a filosofia não é tarefa para quem tem inteligência sã. É atividade improdutiva, inconsequente, coisa de lunático. Em algumas situações se difundiu a ideia de que a filosofia é complexa, hermética, que só quem consegue de fato comprehendê-la e estudá-la com esmero é gente intelectual. Questiona-se também a utilidade da filosofia, que não tendo um objeto para ser perscrutado, trabalhado de forma objetiva, passa a ser rotulada como relativa quanto ao seu valor social e histórico. Ora, raro se encontra no ensino médio pessoas que se dediquem ao estudo da história da filosofia,

ou que porventura queira cursar esta disciplina nas Faculdades ou Universidades do país. Existe cursinho de preparação para vestibular nos colégios sejam eles privados ou públicos para profissões como: medicina, engenharia, direito e outros cursos, contudo a procura por Filosofia é mínima ou quase inexistente.

A filosofia enquanto ensino se torna importante pela capacidade reflexiva que o indivíduo adquire para discursar sobre os fatos históricos, sobre as ações intencionadas de gente do poder constituído. O conhecimento bem elaborado em filosofia possibilita visualizar algo que comumente não se enxerga. Não é uma teoria conceitual sem bases concretas, mas uma pedagogia que interpreta significativamente os acontecimentos, sempre vendo o humano como prioridade, ajudando a se fazer um estudo da melhor conduta a ser adotada na sociedade.

Se todos os homens são filósofos, como afirma Gramsci, e se os homens e mulheres procuram refletir sobre os problemas que a realidade apresenta e que leva os educadores e educandos, enquanto filósofos da educação, ao filosofarem são os problemas que encontram a realizarem a ação educativa. Estas questões de ordem pedagógica revertem-se em interrogações de caráter filosófico por buscarem a razão de ser do fenômeno educativo e de sua práxis educativa apresentado implicitamente questões e explicações sobre a natureza do ser humano e do mundo. Subacente a uma concepção de educação e a uma prática pedagógica está presente uma teoria sobre o ser humano e sua relação com o mundo. (OLIVEIRA 2006, p. 36)

O que se constata acerca da práxis filosófica é que o ato de filosofar tem o propósito de buscar o sentido dos acontecimentos. A reflexão feita quer ver os bastidores dos fatos, as intenções veladas das estruturas ideológicas que agem também de forma sutil. Por isso, a educação filosófica torna o ser mais perspicaz, pois o faz entender de forma lógica o curso da sociedade e seus mecanismos de governo. Como diz Marx “tudo que é sólido se desmancha no ar” por isso, a formação filosófica inclui no espírito humano o desejo de conhecer a causa final de determinada realidade instituída na história.

Na história os fatos sociais não acontecem por acaso. Em determinadas atitudes do governo existem interesses que estão velados e que a própria ideologia interna procura velar para não ser exposta de forma direta e objetiva. A filosofia incita a busca do fato dentro do seu contexto, desconstruindo o convencional, tenta de modo adequado revelar seus propósitos mais sutis. A filosofia como foi dito acima não é uma realidade abstrata que busca tematizar e cristalizar verdades absolutas. A

filosofia é uma atividade contextualizada, uma práxis inclusa nas vicissitudes das instituições humanas. Marx vendo o caminho seguido no passado pela filosofia concebeu que em tempos remotos ela tinha se posicionado como pura abstração da realidade, por isso no percurso atual, ela tinha que se historicizar, pois o filósofo tinha que construir um mundo novo.

Ora, é sabido que a filosofia pode servir também para conservar a realidade como ela se encontra, fazendo com que a estrutura social vigente não seja modificada. Neste contexto, a filosofia se torna produto de uma casta social dominante. A massa popular é subtraída de seu valor questionador, reflexivo, pois não interessa à política constituída formar a consciência social para novas possibilidades históricas. No Brasil este sistema ideológico ganhou corpo e vigorou durante todo o regime militar. A filosofia e seu ensino não foram difundidos devidamente, pois o ato de filosofar era compreendido como subversivo.

Neste parâmetro para reforçar ainda mais a ideologia totalitária no país, no âmbito educacional é aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 5692/71, que institui obrigatoriamente a disciplina Educação Moral e Cívica, sendo neste interin um módulo substitutivo da filosofia até pouco tempo atrás em vigência.

A lei nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971 afirma em seu art. 7º o seguinte:

Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programa de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto a primeira o disposto no Decreto-lei nº 869, de 12 de setembro de 1969. (BRASIL,1971)

Faz necessário observar de forma bastante clara que a filosofia como bem expressa o critério legal da lei não foi abolida das instituições educacionais. Todavia com o enrijecimento ditatorial, sobretudo, com a implantação do Ato institucional nº 5, pois houve forte esquema de repressão instituindo um regime de terror em todo o país. Inúmeras pessoas foram presas e torturadas de forma cruel pelos militares com vários prisioneiros políticos sendo exilados e outros desaparecidos.

A censura se fez sentir em todos os estabelecimentos públicos. Os meios de comunicação foram vigiados de perto para não divulgar nenhum ato ou noticiário contrário ao sistema. Jornais, revistas tiveram suas portas cerradas e todo e qualquer evento público era controlado de perto para inibir reações de grupos revoltosos.

Este cenário político não comportava a intensidade reflexiva do ensino filosófico, sobretudo aquela que reclamava justiça, dignidade humana e valorização da liberdade de expressão. A ética tão difundida pela cultura grega, propagada por Aristóteles, fruto de uma filosofia consciente, fincada nos valores antropológicos, não tinha espaço neste cenário sórdido de censura e silêncio obsequioso. Neste estado de sítio que vigorou no Brasil durante o governo dos militares – 1964 a 1985 - a filosofia não foi utilizada oficialmente, a não ser pela coragem e heroísmo de alguns anônimos que a utilizavam em raros lugares clandestinos do país.

O que se viu foi um tempo longo de vigor de uma legislação educacional que subtraiu a filosofia dos currículos escolares do País. Todavia em 20 de dezembro de 1996 com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 abre-se a possibilidade do retorno da Filosofia para as instituições educacionais. Conforme reza o art. 36 §1º- III os alunos ao concluírem o ensino médio deverão demonstrar: *“domínio dos conhecimentos de filosofia e de sociologia necessários ao exercício da cidadania”*.

Mesmo assim previsto em lei a filosofia não passou a ser encarada na escola como área do conhecimento junto às demais disciplinas do currículo, sendo abordada em sala de aula na maioria das vezes como tema transversal (um projeto sobre questões éticas, como o aborto, a pena de morte, a violência). Faz-se necessário compreender que somente a partir de 03 de junho de 2008 com a aprovação da lei 11.684/2008 – cujo propósito é alterar o artigo 36 da LDB 9364/96, introduzindo mais um inciso o IV a filosofia, assim como a sociologia passam a ser obrigatórias em todas as séries do Ensino Médio.

Embora sendo sancionada a supracitada lei, cuja oficialização da filosofia como obrigatoriedade no currículo, algumas questões continuam em aberto, sobretudo quanto ao valor dispensado à filosofia, tanto pelo corpo docente, discente e o próprio sistema educacional brasileiro. Falar em ensino de filosofia é algo controvertido, haja vista, existe certa reserva por parte do aluno, quando a aula é filosofia, visto não ser disciplina preferida. A apatia não se restringe apenas ao corpo discente, posto não haver planejamento adequado para as aulas de filosofia.

Outro caso, que repercute negativamente, surge quando da ausência de um professor especialista em filosofia; segundo a pedagogia contemporânea, qualquer professor da área de humanidades pode lecionar. Esse relativo respeito pela disciplina, torna o aluno reticente, quanto o legado histórico e formativo que a filosofia

possui. O conteúdo filosófico contribui para acelerar a reflexão sobre a realidade, fazendo fluir ideias que ajudam ao aluno sair da situação cômoda, não raro, alienada que o universo escolar se encontra. A falta de gosto pelo estudo também induz o aluno a não ter gosto pela disciplina, visto seu ensino exigir hábito pela pesquisa, sobretudo interpretação textual aguçada.

Numa sociedade virtual, em que tudo se apresenta de forma pronta, acabada; a filosofia exige construção, reconstrução, desconstrução; e nesta dialética cognitiva, a inclinação para a filosofia se torna quase rara. A era digital, produz facilidade de conhecimento; todavia a juventude quando se atém ao uso da tecnologia digital, gasta maior tempo nas redes sociais; e quando pesquisa conteúdo, não leem, apenas usufrui do plágio, sem bom senso intelectual. Com a revolução tecnológica, o acesso fácil a tudo que se quer, torna a sociedade refém da superficialidade, pois o estudo criterioso, que demanda tempo, estudo exaustivo, se torna algo em desuso.

Por isso, o autor abaixo, expõe reflexão instigante ao modelo de sociedade comodista, ao afirmar que

[...] quer tudo fácil, produzido pela crescente facilidade das indústrias de produção que não exigem o cuidado e o esforço da preparação daquilo de que necessitamos. Produzem tudo pronto para satisfazer nossas sempre mais numerosas necessidades, despertadas cotidianamente pela propaganda comercial. Em nosso caso, essa cultura pretende desenvolver as aptidões naturais de inteligência, vontade e faculdades físicas do agir, sem nenhum esforço, sem precisar fazer o exercício. (RUBIN, 2001, p. 41)

A filosofia neste mundo marcado pela rapidez tecnológica, que cria autômatos, perde espaço, visto exigir trabalho intelectual, não demanda interesse por parte dos estudantes. Outro fator incide na inoperância de seu método, posto não ser credencial para a realização profissional, aliás, seu conteúdo raramente é exigido nos vestibulares ou concursos.

A carência de reflexão filosófica é sentida quando na constituição da sociedade alienada da era moderna, pois a letargia quanto ao uso da filosofia se vê no espaço geográfico da sala de aula, e na quantidade de alunos que conclui o ensino Médio, sem o menor senso crítico, incapaz de emitir ponto de vista seguro sobre qualquer circunstância social. Esse modelo educacional que figura hoje, só ratifica o valor remetido ao ensino da filosofia, sobretudo no nível médio, um ensino apático, sem propósitos realmente formativos, como se observa atualmente. A escola moderna

supõe apenas, estampar nos meios de comunicação a quantidade de alunos que conclui o ensino Médio, e infelizmente nas estatísticas superficiais de ensino, se inclui uma juventude carente de conhecimento, sobretudo formação humanizante.

Hoje as escolas são parte de uma máquina burocrática, gerada por burocratas que tudo o que procuram é uma promoção pessoal e continuam a ganhar bem sem fazer nada. E para conseguir isto têm de apresentar números felizes de sucesso escolar inventado. (MURCHO, 2002, p.10)

O ensino de filosofia no Brasil, na prática ainda tateia, em busca de firmeza, talvez sofra o preconceito de ter sido relegada no tempo da ditadura Militar e não ser vista como disciplina de ponta; na realidade, sendo substituída sem menor prejuízo no currículo educacional. A exigência de um plano filosófico rigoroso, com aulas bem sistematizadas, não é regra. Embora se tornando oficial o ensino de filosofia no nível Médio, seu valor ainda está aquém do seu significado histórico e formativo, visto ser compreendida como disciplina secundária, apena coadjuvante no plano educacional brasileiro. O cuidado em relação ao ensino de filosofia traduz pouca valia, visto muitas vezes o próprio alunato não vê-la como disciplina reprovativa. Ora, para a escola, ficar em recuperação em filosofia é um absurdo, e tal fato, justifica o valor que é remetido à disciplina. O aluno vai à escola para passar por média, não simplesmente para aprender, ou ser formado. Existe a procura exacerbada por nota, e o professor tem que no desfecho do ano letivo, demonstrar através de estatísticas, que o aluno atingiu a meta; embora não raro, sem ter demonstrado aprendizado adequado.

A preocupação com a aprovação ou reprovação não é dirigida a disciplina de filosofia, mas a Física, Matemática, Biologia etc. A filosofia não desperta preocupação, pois qualquer débito é sanado com trabalhos, não simplesmente provas.

Os programas de Filosofia do Ministério têm sido até hoje fruto do desconhecimento. A única coisa boa que têm é que a força de serem vagos, podemos fazer mais ou menos o que queremos. E, portanto, podemos também fazer um trabalho de qualidade. O problema é que podemos também fazer um trabalho péssimo, e estamos sempre legitimados. (MURCHO, 2002, p.16)

O ensino de filosofia demonstra certa debilidade, visto ser uma disciplina de pouca repercussão no currículo escolar. O conteúdo filosófico exige interpretação, e criteriosa leitura. Seus autores são considerados abstratos, complexos, desconectados com a realidade, cujas teorias caem no desuso, visto ser ocupação de

intelectuais. Para os alunos a dificuldade comprehensiva da linguagem filosófica atenua a busca pelo seu estudo. Ora, a filosofia e seu ensino, deve ocupar pleno relevo quanto ao ensino, e em parceria com outras disciplinas, deve levar o aluno ao gosto pela pesquisa, sobretudo pelo estudo continuado. A ação do professor, perito em filosofia, deve tornar a disciplina apta para o aprendizado, comprehensiva, cujo conteúdo tem valor inestimável.

Pergunta central

Quais as debilidades no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Filosofia que impedem o desenvolvimento da criticidade dos alunos do Ensino Médio nas escolas públicas da cidade do Crato, Ceará?

Perguntas específicas

1. Quais são as estratégias aplicadas pelos professores e alunos na disciplina de Filosofia nas escolas públicas de Ensino Médio da cidade do Crato, Ceará?
2. Como se dá o processo de ensino-aprendizagem aplicados na disciplina de Filosofia, por professores e alunos, nas escolas públicas da cidade do Crato, Ceará?
3. Quais as capacidades críticas desenvolvidas pelos professores e alunos na disciplina de filosofia nas escolas públicas da cidade do Crato, Ceará?

Objetivo geral

Descrever a relevância do Ensino da Filosofia para os alunos do Ensino Médio das escolas públicas da cidade do Crato Ceará.

Objetivos específicos

1. Identificar o valor histórico da filosofia e as estratégias aplicadas pelos professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Filosofia.
2. Demonstrar a realidade do processo de ensino-aprendizagem aplicado na disciplina de Filosofia pelos professores e alunos nas escolas públicas da cidade do Crato, na Região do Cariri, no estado do Ceará.

3. Classificar as capacidades críticas desenvolvidas pelos professores e alunos na disciplina de filosofia nas escolas públicas da cidade do Crato, na Região do Cariri, no estado do Ceará.

Justificativa

Para realizar a amostra, foi utilizado um processo seletivo intencional na escolha das escolas, cujos motivos estão elencados logo abaixo.

A Escola de Ensino Médio Presidente Vargas foi efetivada pelo fato de estar localizado em um bairro razoavelmente próximo do centro da cidade e por ser de fácil acesso para os alunos. É uma escola considerada de médio porte.

A Escola de Ensino Médio Teodorico Teles de Quental e a Escola de Ensino Médio Estado da Bahia, foram selecionadas porque se encontram no outro extremo da cidade em comparação com a primeira investigada. São escolas que têm bons resultados nas avaliações externas, sendo este o principal motivo pela escolha das duas.

A Escola de Ensino Médio Joaquim Valdevino de Brito é a maior escola da área rural, a justificativa da escolha é que esta escola consegue aprovar vários alunos para a universidade a cada ciclo anual, o que chamou a atenção para a seleção realizada.

Ora, nas quatro escolas selecionadas o ensino de filosofia encontra dificuldades para ser aprendido com intensidade pelos alunos. Nas respostas proferidas, os argumentos concretizam relativa aversão ao conteúdo filosófico. Criteriosamente, os alunos responderam ao questionário proposto, onde se coletou dados imprescindíveis para o processamento da pesquisa. A filosofia foi analisada segundo o conhecimento que cada aluno tinha da disciplina, sobretudo o juízo filosófico emitido nas perguntas encetadas.

Hipótese de investigação

As estratégias aplicadas pelos professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Filosofia contribuem com a fragilidade para o desenvolvimento da criticidade dos alunos do Ensino Médio das escolas públicas da cidade do Crato, na Região do Cariri, no estado do Ceará.

2 MARCO METODOLÓGICO

Contexto de investigacão (lugar de estudo)

Este trabalho se realiza na cidade do Crato, no sul do estado do Ceará, na região do Cariri, que consta de um universo de 10 escolas públicas de nível médio regular, 10 professores de Filosofia e 4.483 alunos distribuídos em primeira, segunda e terceira séries de Ensino Médio. Especificamente, será feita análise em um total de 04 escolas, que corresponde a 40% do total de investigação; 05 professores, o equivalente a 50% dos professores investigados; e 1.757 alunos, correspondente a mais de 28,2%. As quatro escolas em análise – Escola de Ensino Médio Joaquim Valdevino de Brito; Escola de Ensino Médio Presidente Vargas; Escola de Ensino Médio Teodorico Teles de Quental; Escola de Ensino Médio Estado da Bahia. Estas escolas foram escolhidas intencionalmente, haja vista por que concentram o maior o número de alunos em relação às outras escolas não selecionadas.

Desenho da investigação

Para a realização desta pesquisa foi utilizado o método estatístico. Quanto a obtenção dos dados foi aplicado questionário aos alunos das escolas pesquisadas, e professores que lecionam filosofia nessas escolas. O objetivo proposto ao utilizar esse método foi conseguir a coleta de dados necessários à realização da pesquisa através dos questionários, com o intuito de conhecer a relevância do ensino de filosofia nas escolas escolhidas. Segundo Lakatos (2003), esse método é caracterizado através de um determinado itinerário, onde o pesquisador seguirá as perguntas elaboradas e feitas ao indivíduo. O objetivo dessa padronização é obter dos sujeitos da pesquisa, respostas às mesmas perguntas, permitindo que todas elas sejam comparadas.

Enfoque

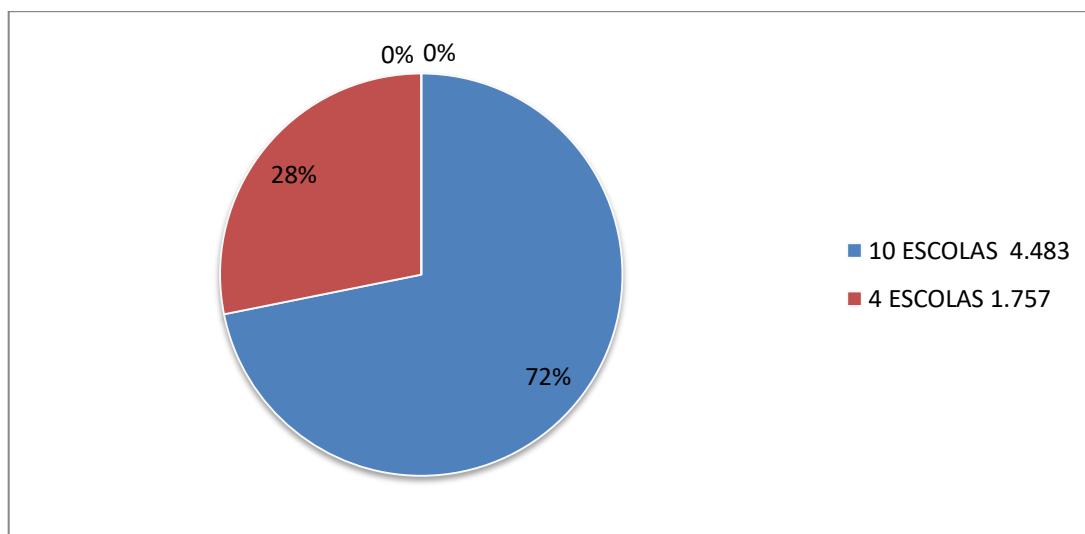
Daremos a investigação um enfoque quantitativo, pois, visto sabermos que os resultados deste trabalho podem ser quantificáveis, ou seja, traduzidos em números, opiniões e informações para classificá-los e analisá-los. Para tal procedimento usaremos de técnicas estatísticas. A pesquisa expõe dados sob forma de gráficos, que contém percentualmente a tabulação de pontos de vistas de alunos e professores sobre o ensino de filosofia na rede pública do Crato.

As estatísticas demonstram a validade da filosofia, sua importância para o aluno, que não raro, não se inclina a buscar seu conteúdo. A escola, também contribui para maximizar a apatia do alunato, pois pressupõe o ensino de filosofia como uma atividade escolar não equivalente a outras disciplinas. Ora, é notório tal realidade, pela ingerência em sala de aula de professores sem competência filosófica para o ensino.

2.1 Utilidade da filosofia no ensino médio

Na cidade do Crato, existem 10 escolas da rede pública de ensino, onde estudam 4.483 alunos, distribuídos nos turnos (Matutino, vespertino e noturno), contudo a pesquisa se restringiu a análise de dados apenas de 04 escolas. O total de alunos matriculados nas 04 escolas da rede pública no Crato corresponde a 1.757 no ensino Médio.

Gráfico 01- Total de alunos das escolas públicas estaduais do Crato.

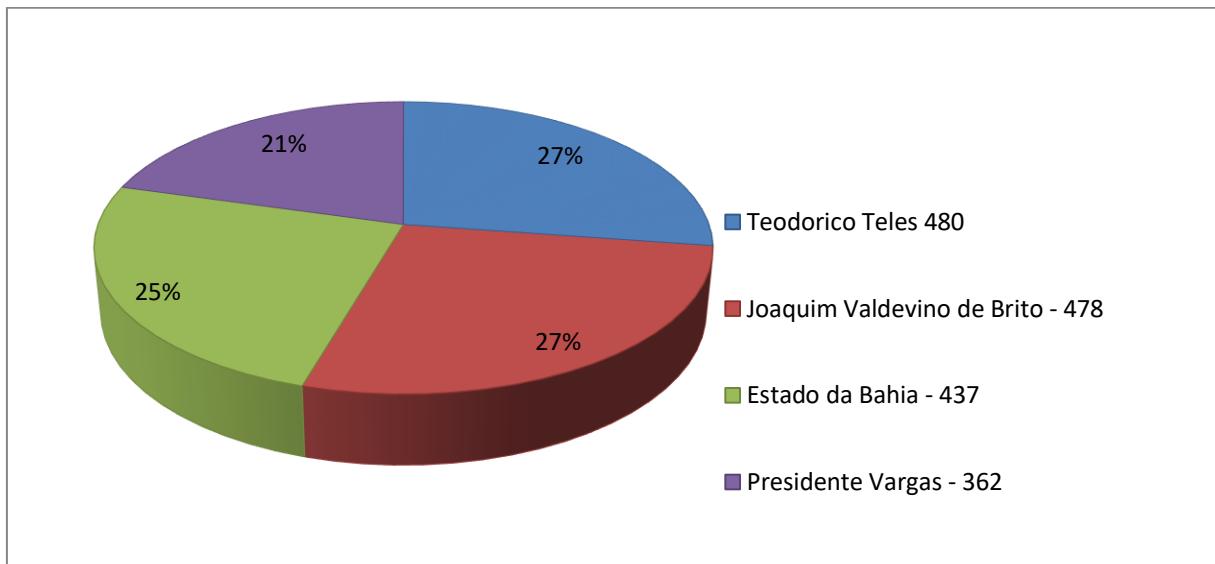


Fonte: CREDE 18 – SEDUC-CE.

Os dados abaixo fazem parte da avaliação feita nas respectivas escolas, tendo como suporte, questionários com questões abertas, que foram respondidas por escrito, pelo corpo discente e docente, sobre o valor da filosofia. Em princípio, foram tabulados os dados correspondentes a cada escola. Em relação às estatísticas computadas, levou-se em conta a coerência e qualidade das referidas questões. Outro fator importante será os argumentos dos professores, que via de regra, observaremos suas competências, visto que na maioria das vezes, se leciona filosofia, todavia, não se é formado na área. O gráfico abaixo relata a quantidade de alunos, existente nas

quatro escolas pesquisadas, e o percentual que participou da pesquisa, a saber, com repostas sobre o supracitado questionário.

Gráfico 02 – Total de alunos que responderam ao questionário por escola pesquisada



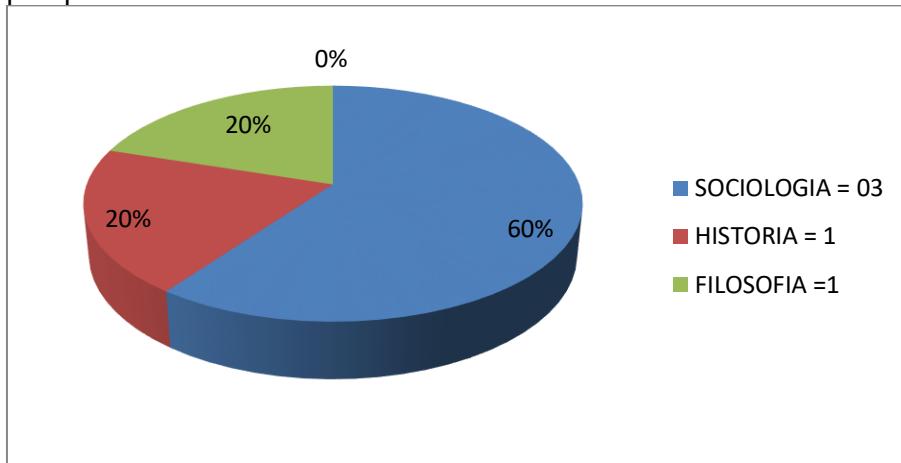
Fonte: professores que lecionam filosofia e que aplicaram os questionários nas escolas pesquisadas.

Referente às supracitadas escolas, foram planejadas e elaboradas questões para mensurar a realidade de cada escola, acerca do Estudo de Filosofia. A partir das estatísticas feitas, e perguntas direcionadas aos alunos e professores, os resultados expõe um balanço da utilidade da filosofia no interior das escolas. O ensino quer seja de qualquer disciplina, requer planejamento prévio, estratégias, sobretudo pedagogia eficiente, em virtude da interação ensino/aprendizagem.

2.2 A filosofia e sua aplicabilidade em sala de aula

O ensino de filosofia é exposto nas salas de aula da Cidade de Crato, tendo em vista o envolvimento do aluno com o material planejado. Em virtude das respostas feitas pelos alunos, se concluiu certa indiferença, a saber, pela disciplina, visto não ser tão exigida nos vestibulares e concursos, segundo o senso comum dos alunos. Frente às respostas evidenciadas, se conclui uma série de dificuldades para o ensino de filosofia, que requer maior critério, para que se possa atingir certo sucesso, no que tange ao aprendizado em sala. O gráfico expõe visível descaso com o ensino de filosofia, pois as aulas são ministradas por profissionais de outras áreas. Veja gráfico abaixo:

GRÁFICO 03 – Formação dos professores que lecionam filosofia nas escolas pesquisadas



Fonte: Questionário aplicado aos professores que lecionam filosofia nas escolas pesquisadas.

O gráfico expõe a realidade do ensino de filosofia na cidade do Crato. São citados 05 professores responsáveis pelo ensino de filosofia nas 04 escolas, todavia somente 01 professor (20%), tem formação filosófica. Existe no que tange ao ensino, certa dificuldade; embora sendo da área de ciências humanas, os respectivos professores, pela lógica não deveria ministrar as aulas. É no mínimo controvertido, pois o aluno, sobretudo aquele que tem vontade de aprender, acaba percebendo o descaso, quanto à disciplina. Em outras áreas, como biologia, química ou física, são raros os deslocamentos de professores de outras competências, para lecioná-los.

No caso da transmissão do conteúdo filosófico, referente as respostas do questionário, se observa certa incoerência quanto aos objetivos propostos pelos alunos, acerca do aprendizado filosófico. O propósito do aluno não está na possível ferramenta critica que, a filosofia possa lhe favorecer para a vida; pois ao estudar, só objetiva a nota, posto saber de antemão, que não reprova. A pesquisa revela uma série de dificuldades, quanto ao ensino como: descaso com o seu ensino, falta de profissionais na área, desmotivação dos alunos quanto às aulas e outros quesitos que serão expostos durante o curso da pesquisa.

Quando se pergunta sobre a pedagogia utilizada para expor o conteúdo de filosofia, a saber, alunos do 2º ano das respectivas escolas, simplesmente esboçaram as seguintes respostas:

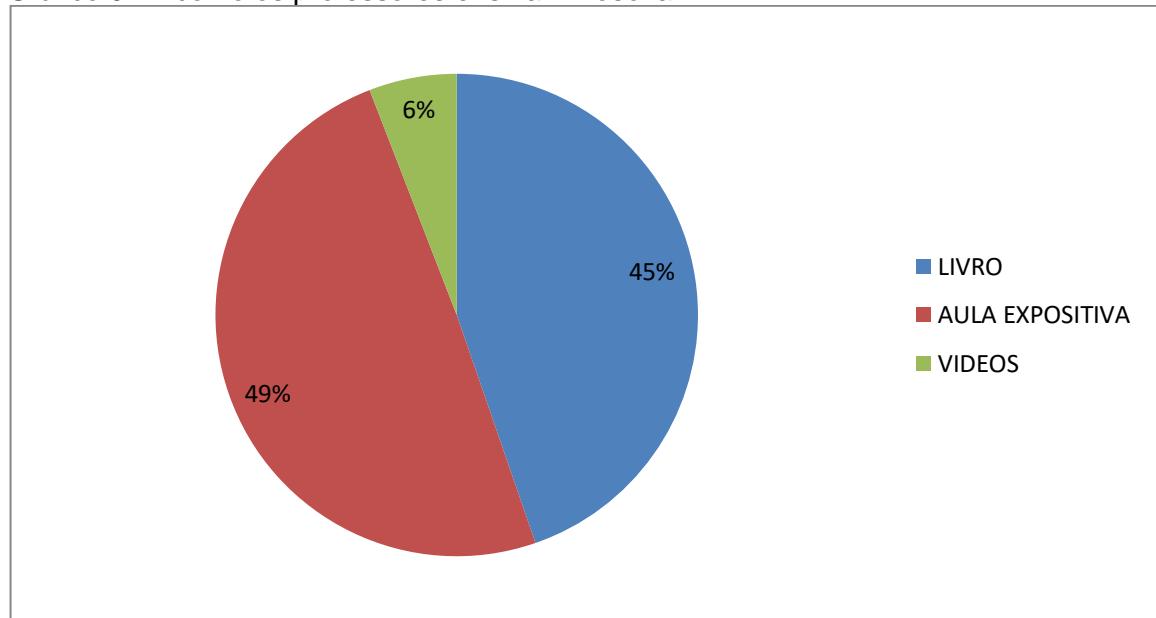
Questão 01. De que maneira o professor expõe o conteúdo em sala de aula?

- **Aluno A:** “De qualquer maneira, a filosofia são muito importantes para a sala. A Filosofia são muito legal”.
- **Aluno B:** “Através das aulas é que ele explica alguma coisa.”
- **Aluno C:** “Ele expõe o conteúdo algumas perguntas depois passa o texto para os alunos.”

As respostas revelam a qualidade cognitiva de grande parte dos alunos do 2º ano do Ensino Médio, das Escolas do Crato. Os dados analisados demonstram frágil poder interpretativo dos alunos, e tenro conhecimento gramatical. A coerência textual é tolhida por intermédio da escassa pontuação, e lapsos grotescos de concordância. Os argumentos não respondem devidamente à questão proposta. Existe até críticas implícitas ao ensino, talvez por não ter compreendido o conteúdo, ou por não saber argumentar devidamente; ou pela pouca relevância que a filosofia possa representar para a formação discente.

A escrita dos alunos revela fraco desempenho nas aulas, pois a construção textual implica deficiência argumentativa latente. Neste caso, se torna controvertido atribuir significado positivo a totalidade do ensino, no propósito de emitir julgamento positivo, quanto ao futuro intelectual dos respectivos alunos. Outro fato que se revela instigante, se manifesta nas estratégias dos professores, que além do livro, raramente utilizam outros métodos pedagógicos para expor o conteúdo.

Gráfico 04 – como os professores ensinam filosofia?



Fonte: questionário aplicado aos alunos das escolas pesquisadas.

Existe o livro fornecido pela Secretaria de Educação do Estado, porém seu conteúdo é bastante fragmentado, sobretudo superficial, que não ilustra a contento, os fundamentos históricos e epistemológicos da filosofia. O professor se inclui numa realidade avessa ao ensino filosófico, pois a carga horária só reserva uma aula por semana. Além de tudo a disposição do aluno pelo estudo, não facilita a exposição da aula, sobretudo por ser a filosofia uma disciplina abstrata, complexa, dificultando instigar o discente a pesquisa de temas de filosofia.

2.3 A práxis docente em filosofia nas escolas de Crato

Em contrapartida os professores também se deparam com a indiferença do aluno, comprovando pouco caso com a disciplina de filosofia, principalmente, em virtude de seu status de ciência, que não prefigura objeto empírico. Como se observou nos argumentos acima, há deficiência comprovada em gramática, interpretação textual da pergunta feita, se comprova uma disciplina que pedagogicamente é vista de forma reticente. O corpo docente que trabalha com filosofia, no caso dos quatro que são de outras disciplinas, leciona filosofia apenas para completar sua carga horária. Sentem sobremodo, a apatia em relação à disciplina e se vem envolto num dilema irresoluto, pois incluso em salas, circunscrito pela indisciplina quase que habitual, se conclui um ensino sem prospectivas favoráveis. As respostas revelam a inquietante sina de lecionar filosofia, visto não conseguir interação com as turmas, e raro apoio pedagógico da escola, e principalmente do Estado.

Pergunta 01: Existe entusiasmo dos alunos quanto ao aprendizado de filosofia? Como eles encaram a disciplina no cotidiano escolar?

Professor A: Pode-se afirmar de maneira geral que sim, alguns alunos possuem uma predisposição para a construção do pensamento filosófico, e sua explicação e reflexão sobre os problemas e questões sociais. Por outro lado, outros alunos não demonstram interesse algum pela disciplina.

Obs. Este professor é graduado em sociologia.

Professor B: Não. Encaram como uma disciplina sem valor em relação às outras como português e matemática.

Obs. O professor é o único graduado em filosofia.

Estas duas questões são sinalizadas nas demais repostas ofertadas pelos professores; todavia, teve um, que mencionou o uso do livro de filosofia que a Secretaria do Estado do Ceará, dispõe para o ensino. Contudo, não é bem aceito pelos alunos. Aliás, grande parte dos alunos raramente traz ou pouco usa o material didático em sala. Existe maior inclinação a aula, quando se propõe temas extras, textos atuais, que abordam violência, sexualidade, preconceito racial, mídias sociais, ademais, muitas vezes contidos no livro, só que de forma superficial, visto o conteúdo pobre, desprovido de atratividade para o aluno.

Ora, existe certa lacuna no ensino de filosofia, inclusive; outro professor afirma que no início das aulas a filosofia já demonstra pouca credibilidade, e quando o ano letivo vai se afunilando, fica mais complexo expor os conteúdos filosóficos. O ensino de filosofia emperra na falta de interesse pela leitura, pouca participação em sala, e parco entusiasmo do professor, que se defronta com um ambiente hostil para a reflexão filosófica.

Pergunta 02: O professor demonstra segurança e gosto pelo ensino de filosofia?

Aluno A: Sim, ele é uma pessoa com muita segurança e ensina muito bem.

Aluno B: Sim, pois ele demonstra que gosta do que faz e que não se importa com o que os outros dizem de mal.

Aluno C: Nem todas as vezes ... porque de vez em quando o professor se atrapalha.

O ensino de filosofia não é fácil, todavia mesmo envolto em certa apatia por parte do corpo discente, é óbvio que existe toda uma estrutura social desordenada, que proporciona certo caos nas escolas da rede pública. A indisciplina é o ponto nodal que fragiliza a educação. Nas próprias respostas dos alunos, vários do seu jeito simples de escrever, crivado pela mutilação da gramática, acabam por citar o desrespeito de vários alunos pela disciplina, e até mesmo constrangendo o professor com brincadeiras fúteis, e não raro maliciosas.

Os professores, na ótica de alunos que buscam aprender filosofia para crescimento intelectual e cidadão, afirmam que o professor de filosofia é esforçado, demonstra segurança, e sabe transmitir o conteúdo. Noutra turma, alguns alunos também revelam, que determinado professor, não demonstra habilidade suficiente quanto a transmissão do conteúdo, as vezes criando um clima tenso em sala, haja vista, se mostra um pouco atrapalhado, quando tenta transmitir o conteúdo.

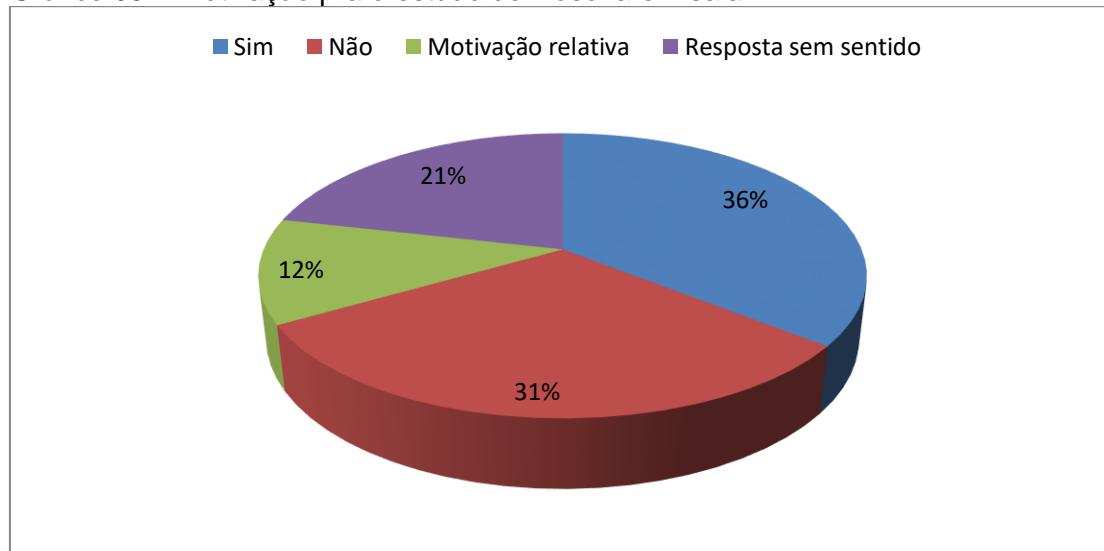
Alunos que falam mal da disciplina, também é focado em várias enquetes, sobretudo por causa do preconceito histórico, visto ser incluída recentemente como disciplina obrigatória no ensino regular; alias, para o aluno do ensino público, filosofia não é disciplina tradicional, como Matemática, Português, Biologia ... ou seja, não é essencial, pois não precisa saber filosofia para se profissionalizar.

O professor, via de regra, acaba sendo refém da realidade educacional deficitária, todavia não deixa de contribuir para o descenso na qualidade educacional, pois de qualquer forma, sua contribuição é efetivada, quer seja a favor ou contrária ao ensino, afinal expõe o conteúdo para os alunos. Numa turma indisciplinada, é muito raro haver rendimento, pois um aluno inquieto torna o ambiente tendencioso à dispersão. Um professor de filosofia, afirma que na sala de aula, se sente impotente, visto existir bastante inquietude por parte de alunos, pois não querem nada, haja vista, não há apoio pedagógico adequado, e por isso, atos de indisciplina tendem a se perpetuar, sem haver contenção ou prevenção.

Noutro ponto, quando indagados sobre a motivação para o estudo de filosofia, o aluno rotula a disciplina como difícil, indigesta, sem atrativo. Veja a pergunta e o gráfico a seguir.

Pergunta 03: Existe motivação para o estudo de filosofia a partir do conteúdo aplicado em sala?

Gráfico 05 – motivação pra o estudo de filosofia em sala



Fonte: Questionário aplicado aos alunos das escolas pesquisadas.

No gráfico a situação não é motivadora, visto que de 1.757 alunos que participaram da pesquisa, apenas 36% afirmaram existir motivação para o estudo de filosofia. São dados que instigam análise mais criteriosa da educação na sua estrutura contemporânea, posto que os dados revelam o valor que a filosofia comporta para a vida do alunato. Os professores de filosofia emitiram sua posição acerca da intervenção do Estado/Escola sobre a valorização do ensino de filosofia. Observe a questão e algumas respostas.

Questão 04. Qual a atenção que o Estado/Escola remete a disciplina de filosofia?

Professor A. “Quase não existe e se existe desconheço qualquer preocupação exclusiva sobre a filosofia”. (Sociólogo)

Professor B. Devido a novas aplicabilidades em provas como ENEM e SPAECE a escola inicia uma nova forma de abordar e valorizar esta disciplina, mas ainda ficando muito longe do esperado pelo profissional da área e das demais disciplinas. (Sociólogo)

Professor C: “Pouco interesse é visto. A disciplina só conta com 50 minutos semanais, e não há investimento na área. Os professores são sobre carregados com pelo menos 27 turmas para lecionar” (Historiadora)

Professor D: “ Não o suficiente, o fato de reservar somente uma aula por semana já evidencia que a valoriza menos em relação as outras” (Filósofo)

Professor E: “Em geral é como uma disciplina complementar sem muita importância”. (Sociólogo)

Os comentários dos professores surgem a partir da vivência profissional, sobretudo, quando do exercício uma disciplina que representa pouca valia para vários alunos. Se a filosofia se torna obrigatória, visto fazer parte do elenco de disciplinas, na afirmação do professor E, a parte pedagógica do Colégio, comete erro crasso, haja vista, nenhuma disciplina pode em tese se sobrepor a outra. Se a pedagogia utilizada na escola pública, remete valor ínfimo a filosofia, cabe ao professor encontrar estratégias para que seu exercício docente, não venha a sofrer desgastes, posto que os alunos não sejam prejudicados.

O apoio pedagógico é imprescindível para o professor, sobretudo para conter a disciplina, ou quem sabe preveni-la, que no caso da escola pública a situação requer criterioso cuidado. A filosofia, em virtude da ausência de objeto de estudo, fora durante certo período da história, relegada a indiferença. É uma disciplina da área de ciências humanas, pouco difundida entre os alunos, por isso, ainda tateia para encontrar espaço conciso de aceitação.

Os professores se defrontam com turmas avessas ao estudo, oriundas na maior parte de contextos sociais conflituosos, em que a vida difícil da periferia, impossibilita hábito de leituras, sobretudo de textos filosóficos. Ora, estas turmas, adentram a escola, e enxergam a pouca valia remetida a disciplina pelo núcleo gestor; pois sabem que as exigências pedagógicas quanto à disciplina são irrelevantes, por isso, estudá-la é fato facultativo, e por isso, optam por conversas e outros afazeres em sala.

2.4 O processo de ensino/aprendizagem em filosofia nas escolas do Crato.

A filosofia e seu ensino requerem incessante compromisso do corpo docente, quanto à transmissão de seu conteúdo, para turmas que raramente são inclinadas a aceitá-la, prestar-lhe atenção devida. A filosofia cognominada de “rainha de todas as ciências”, porta legado inquestionável, aliás, outras ciências, encontra nela sua base, caso concreto da matemática, psicologia, geometria, biologia, dentre outras.

A filosofia instiga novas possibilidades de saberes, por isso, possui o crédito de motivar a arte de pensar, não de qualquer forma, pois o seu método implica critérios lógicos, ciência do que se quer, aliás, busca incessante por descobertas antropológicas.

Partindo destes itens supracitados, em tese, parece fácil ensinar filosofia, contudo, na prática o avesso se concretiza. A filosofia implica raciocínio, leitura, pesquisa, abstração de temas complexos, em virtude de enxergar o raramente visível. A vertente filosófica requer apurado senso crítico, por isso, numa sociedade altamente sofisticada tecnologicamente, se torna árduo levar o aluno ao exercício cognitivo, quando se pode conseguir muita coisa de forma digital. Na escola pública, o ensino já demonstra sua ineficiência referente a outras disciplinas, no caso da filosofia e seu ensino, a dificuldade se acentua.

O planejamento das aulas não demonstra conexão com a prática do ensino em sala de aula. Veja uma das perguntas do questionário acerca da aplicabilidade da filosofia em sala, principalmente a utilização de material didático nas aulas.

Pergunta 04: Quais os recursos didáticos utilizados nas aulas de filosofia, para melhorar o aprendizado?

Aluno A – Ele utiliza filmes sobre o conteúdo.

Aluno B – Era bom palestras, pra ver se eu entendo filosofia.

Aluno C – Os recursos didáticos utilizados nas aulas são filmes, slides e etc.

Em virtude do planejamento feito, como prévia para a aula, além do conteúdo habitual, outros recursos assessoram o professor no momento da exposição da aula. Mesmo com os recursos pedagógicos, sendo supostamente mais acessíveis nos tempos atuais, contudo, ainda existe evasão, indisciplina, apatia ao conteúdo dado e falta de concentração dos alunos.

A tecnologia moderna pode ser importante, aliada do professor no ensino de filosofia, desde que haja planejamento, pois observando a complexidade do aprendizado, exposto pelos alunos; a proposta de um ensino de qualidade é um ideal; todavia a filosofia parece não se encaixar no contexto histórico e cognitivo da sociedade. A informatização em sala de aula, com vídeos, data-show, slides, é salutar, mas não substitui o professor.

A filosofia ou qualquer outra disciplina quando atraente, proposta de maneira objetiva, causa repercussão eficaz, sobretudo quando se utiliza recursos didáticos germinados a práxis docente, capaz de causar boa impressão pessoal e de conteúdo a turma. Os recursos mais utilizados pelos professores das escolas do Crato se destacam como: slides, vídeos e livros, que dependendo da criatividade, pode ter usufruto produtivo para a exposição do conteúdo.

Ora, os contributos tecnológicos são acessíveis, contudo não mudam o perfil do aprendizado, visto o alunato na sua grande maioria, continuar avessa ao ensino de filosofia. Neste caso, associado à dificuldade no aprendizado, se torna equivalente o entrave no ensino, sobretudo para expor o conteúdo, pois no contexto escolar o professor se confronta com dilemas insolúveis. Percebe a indiferença acerca do conteúdo filosófico, principalmente quando as aulas são no turno noturno,

demonstrando dispersão acentuada. A pergunta seguinte expõe a posição dos professores acerca das dificuldades para se lecionar filosofia.

Pergunta 05: Quais as dificuldades encontradas na docência da disciplina filosófica?

Professor A: impossibilidade em alguns casos de dinamizar mais as aulas, gerar a participação dos alunos e envolvê-los com esse conhecimento.

Professor B: O tempo da aula é diminuto o que impossibilita certas atividades como filmes, e a não compatibilidade do livro com alguns conteúdos e a desmotivação dos alunos ao longo do curso.

Professor C: As limitações de tempo, espaço e recursos.

Professor D: Indiferença dos alunos, carga horária reduzida, predileção dos alunos por coisas com tendências alienantes como forró de plástico, etc.

Professor E: Falta de interesse dos alunos. Descredito por parte do Estado.

Os professores revelam a “via crucis” que enfrentam no exercício docente, pois ao adentrar a sala, às vezes munido do plano de aula, se deparam com pouca empatia da turma, concernente a filosofia. Os alunos são distintos, mesmo cursando a mesma turma, o nível de aprendizado é heterogêneo. Generalizar o grau de interesse não é justo, contudo, a produção cognitiva é pequena, pois a indisciplina acaba por prejudicar o rendimento de todos, e subtrai a apreensão cognitiva.

2.5 Possibilidades para o ensino de filosofia na escola pública.

O ensino de filosofia é considerado regra, faz parte do elenco de disciplinas oficializada pelo Estado brasileiro. É certo que mesmo sendo obrigatório nas escolas, não subtrai a indiferença dos alunos. Habitualmente, é comum o descaso, que grande parte remete a disciplina. A possibilidade de haver mudanças positivas, talvez aceitação da filosofia, e maior interesse pelo seu conteúdo, decerto é um propósito que pode se concretizar. No momento atual, a situação não se mostra satisfatória, aliás, o alunato não se detém como deveria ao estudo, pois visa somente a nota que o credencia a passar de ano. O aprendizado, o conhecimento adquirido pelo estudo, via pesquisa, não interessa, por isso, o nível escolar dos alunos que conclui o ensino Médio, via de regra, é ínfimo.

Basta ver os argumentos dos alunos, expressos nas enquetes, pois trazem a tona uma base escolar pífia, posto que, ou não houve interesse por parte do aluno, ou o ensino foi deficitário, ou quem sabe, as duas realidades coexistiram. A situação histórica do ensino de filosofia nas escolas do Crato retrata fatos que devem ser analisados criteriosamente. A partir das estatísticas propostas, relatos de alunos e professores somam-se, e revelam um perfil de ensino/aprendizagem, que abre espaço para prospectivas favoráveis, desde que haja apoio aos professores, no trato com os alunos arredios ao estudo.

As intervenções pedagógicas são urgentes, pois soluções podem ocorrer, contudo em longo prazo, pois o panorama vigente, por não ser satisfatório, precisa ser revisto; talvez, modificado, pois os alunos, demonstram-se insensíveis ao ensino de filosofia. No questionário proposto existe uma pergunta, que implica conhecimento do significado da filosofia, e sua efetivação no cotidiano do aluno.

Pergunta 06: Qual a contribuição que a filosofia trouxe para sua vida pessoal?

A pergunta proposta suscitou respostas, não raro, sem sentido. Como a filosofia não tem objeto concreto, os alunos ameaçam expor respostas ordenadas, todavia, não tendo conhecimento de causa, esbarram na falta de conteúdo filosófico. Algo só pode contribuir para a vida de alguém, se houver envolvimento, alteridade, relação cognitiva, caso contrário, pode acontecer de estar bem próximo e não saber de sua contribuição. A filosofia está na sala de aula, existe o professor que intermedeia o saber, pois estudou, planejou e expõe o conteúdo; muito embora, não haja retenção do discente.

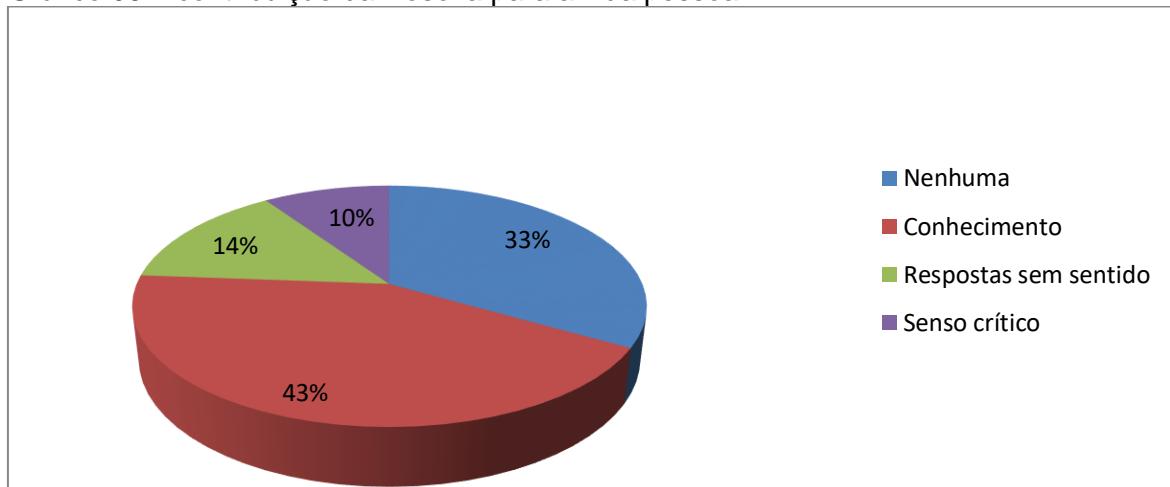
O total de alunos das escolas que responderam ao questionário destacam-se alguns fatores que chamam atenção, visto remeterem-se a quantidade de alunos, que asseguram a filosofia não contribuir para nada em sua vida pessoal. O percentual de alunos que desconhece a filosofia e seu contributo antropológico ou existencial; remete o leitor a algumas questões que estão implícitas nas respostas. Ora, como disciplina a filosofia tem valor formativo em todos os sentidos, para a vida particular e social do aluno, esta é a tônica expressa nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Sua importância, pouco sentida pelas turmas retrata, algum déficit sobre o seu ensino. Alunos que convivem semanalmente com aulas de filosofia. O docente, tem em tese, propósitos:

- Expor o conteúdo programático;
- Extrair dos alunos conceitos coerentes a partir das aulas expostas;
- Difundir o conhecimento e o gosto pela leitura de textos filosóficos.
- Instigar o senso crítico acerca das circunstâncias históricas contemporâneas.

Estes quesitos confrontados com a situação das escolas, não somente do Crato, mas do Ceará, principalmente do Brasil, conota uma realidade emergente quanto a mudanças iminentes, requer maior atenção por parte do poder público, em virtude de uma educação filosófica de qualidade.

Veja o gráfico seguinte.

Gráfico 06 – contribuição da filosofia para a vida pessoal



Fonte: Questionário aplicado aos alunos das escolas pesquisadas.

Tendo por parâmetro o percentual de alunos que conota desinteresse pela filosofia, por não saber seu valor, e responder de forma ambígua as questões; se impõe uma realidade educacional deficitária, para 47% dos alunos das supracitadas escolas. É óbvio que frente ao percentual que se opõe ao estudo, a pesquisa, a leitura de textos de filosofia; existem 53% que se dedicam a busca do saber, e emitem respostas relativamente seguras sobre a temática.

Algumas respostas dos alunos despontam como pouco sentido da filosofia para sua vida, onde denota falta de coerência cognitiva, dispersão, aliás, pouco interesse.

Vide respostas dos alunos:

Aluno A: Até agora nada

Aluno B: Contribuiu no meu aprendizado na disciplina, e, para um melhor entendimento de fatos que ocorrem no meu dia a dia.

Aluno C: Ela trouxe tantas coisas que eu nem me lembro.

Obs: Os três alunos cursam o 3º ano do Ensino Médio.

São apenas respostas, talvez esporádicas, que inclusas no universo da sala de aula, podem servir para se ter um perfil razoável da realidade do ensino de filosofia. Os argumentos causam reflexões distintas, revelam conclusões díspares, acerca do ensino, não somente de filosofia, mas da formação integral do jovem na história contemporânea.

O aluno A, com seu estilo alheio, ou quem sabe realista, prescinde do saber, não quer se envolver, aliás, a filosofia não lhe causou nenhuma mudança. Ele representa um grupo de alunos que na prática, vai a escola sem reais motivos para aprender, pois sabe que sua aversão não lhe subtrairá a conclusão do ensino regular. No caso, de possíveis concursos e Enem, se não houver revolução pessoal, vontade de aprender, será bastante complicado ascender a bom nível cognitivo. Ele não é o único, existem vários; contudo o método pode ser revisto, sobretudo a intervenção do professor, que implicará inúmeras possibilidades para o ensino.

O aluno B é um contraponto do aluno A, aliás, expõe envolvimento com a filosofia; visto apresentar inclinação para o estudo; desejo de aprimoramento intelectual. Este aluno enseja alcançar esclarecimento. Saída da menoridade intelectual. A intervenção do professor se faz pertinente, pois pode levá-lo a gradual evolução intelectual, inclusive instigar, talvez, quem não tem gosto pelo saber.

O aluno C é um caso explícito de alguém que não se compromete, pois na teoria a filosofia é importante, todavia não sabe definir seu valor, nem para a sociedade, tampouco para ele próprio. Portanto, nos três casos ilustrados, este último, foi quem deixou a desejar, no sentido de responder objetivamente a indagação manifesta. Por isso, se faz urgente, objetivar o ensino de filosofia, pois as estatísticas

comprovam certa lacuna, quanto a didática utilizada pelo professor, visto não interpelar o aluno em virtude do gosto pela filosofia.

2.6 Prospectivas para o ensino de filosofia.

A partir da constatação das reais dificuldades, para a efetivação de ensino de filosofia na escola pública, se torna evidente, possíveis saídas, que podem atenuar a fragilidade no ensino Médio. Os professores se manifestaram frente o que fazer, para modificar o ambiente educacional, talvez a didática precise de alguns ajustes. Existe a resistência por parte do aluno, e desmotivação por parte do professor, que implicam numa aula sem proveito, onde o ensino se torna refém desta panorâmica pedagógica ineficiente.

Os principais professores, em virtude do questionário, emitiram suas observações acerca das possibilidades de incentivo ao aluno, para que o aprendizado em filosofia seja mais conciso.

Pergunta 07: O que fazer para que os alunos intensifiquem o gosto pela filosofia e como orientá-los para o valor que a filosofia tem para a história e educação integral do aluno?

Esta questão exige do próprio docente, possível solução para a falta de envolvimento dos alunos em relação ao conteúdo filosófico.

Eis os seguintes comentários dos professores:

Professor A: Uma sugestão seria construir com ele um trabalho em filosofia, ou que fosse possível encontrar a contribuição e participação de todos no processo de ensino aprendizagem. Outro fato é tornar a filosofia um saber mais próximo do aluno, mais voltado para sua realidade.

Professor B: Relacionar o conteúdo com a realidade dos alunos e a importância da filosofia e do filosofar para construir um mundo diferente.

Professor B: Dinamizar as aulas e proporcionar a descoberta do questionamento diário sobretudo, formando conceitos ou reconstruindo, ou mantendo só que de forma crítica.

Professor C: Ministrar aulas dinâmicas que aliem conhecimento tanto filosófico como social. Aulas que sempre mostrem a pertinência da filosofia à vida, ou conscientização que permite a necessária inserção política do aluno na sociedade.

Professor D: deve partir do professor e da escola, demonstrando interesse e respeito pela disciplina.

As respostas são equivalentes, pois partem da constatação de uma realidade que necessita de mudanças. O professor, de forma especial, se depara com a dificuldade do ensino de filosofia, e percebe que, a solução pode ser encontrada, visto desconstruir um ensino ineficaz, que foi sendo forjado com o tempo.

A ideologia contemporânea desenvolve o senso pragmático, sem difundir o raciocínio crítico, prezando pela lei do menor esforço. A zona de conforto está na habilidade tecnológica, que dificulta o raciocínio, a leitura de livros fora substituída pela leitura virtual, sobretudo nas mídias sociais que mutila a escrita, em função de uma linguagem compacta. O professor de filosofia, não raro não é aceito, pois emite um discurso intelectualizado, sem conexão com os fatos próximos.

Este mundo técnico, digitalizado, sobremodo mecânico, subtrai a atenção dos alunos para leitura de clássicos da filosofia, política e outros temas, que requer sensível concentração. Os professores relatam prováveis saídas para sanar as lacunas que persistem na execução das aulas.

Tornar a filosofia próxima da realidade do aluno, recriando um discurso mais objetivo, seria a solução viável, prescrita por um dos professores. Outro fator descrito focou a dinâmica das aulas, que não se fixaria, apenas no discurso enfadonho, abstrato, ou persuasivo; mas a partir do uso de tecnologias, efeitos visuais, informatização.

A intervenção do professor, muitas vezes de forma superficial, desmotiva o aluno, que inconscientemente, já porta relativo preconceito quanto ao estudo da filosofia. O conteúdo de filosofia não precisa ser substituído por outro, claro que pode haver a interdisciplinaridade, contudo sem fragmentar ou suprimir a disciplina filosófica. A transmissão do saber, implica interlocutor afeito ao conteúdo, ou curioso para a proposta temática. No caso das aulas de filosofia, a apatia que persiste no cotidiano das aulas, implica didática inadequada, que confere a inaptidão da turma para o conteúdo transmitido.

3 UTILIDADE DA FILOSOFIA A PARTIR DOS PROFESSORES E ALUNOS DAS ESCOLAS DO CRATO

A filosofia tende a incitar a mobilidade cognitiva, proporcionando observar a realidade social, a partir de outra ótica, aguçando o poder reflexivo. Nas escolas do Crato, a disciplina de filosofia não desperta tanto interesse, e seu lugar é ocupado indevidamente por outros temas, ou talvez lecionada sem o devido cuidado. A reflexão filosófica dos alunos é tênue, haja vista o alunato não se detém devidamente ao estudo filosófico, e conceitua como hermética, inferior a outras disciplinas como matemática, química, física etc.

A filosofia demonstra dificuldade em chegar a verdades absolutas, sendo assim, apresenta parca demanda, sobretudo por alunos do ensino Médio. Nas escolas do Crato, a capacidade de filosofar, demonstra pouco hábito, por parte dos alunos, pois o interesse pelo estudo não é regra, e com isso dificulta o acesso ao conhecimento filosófico. Os professores, como foi exposto, no total de cinco, apenas um (01) tem graduação em filosofia, tornando óbvio parte da problemática do ensino de filosofia.

Os alunos sentem que conhecer filosofia, ou ignorá-la não fará falta no seu futuro, como acadêmico, ou profissional, assim, estudar é facultativo e não um “dever”. Algumas respostas definem claramente o nível de reflexão dos alunos, que movido pela disfunção do ensino, não obtém a aprendizagem adequada para desenvolver o senso crítico.

Numa sociedade capitalista a filosofia plaina como anacrônica, todavia revela a possibilidade de mudança, desde que haja vontade subjetiva e cognitiva de transformar a mentalidade utilitarista pós-moderna. É um desafio concreto, sobretudo, porque a ideologia capitalista é forte, concisa, absorvida facilmente. No caso da filosofia, seu conteúdo requer esforço intelectual, e o jovem contemporâneo, raramente questiona, por isso, filosofar é mais complexo do que apreender rótulos.

Neste contexto, o questionário remetido aos professores, lança uma pergunta contundente, acerca da validade da filosofia no mundo marcado pela racionalidade instrumental.

Veja a pergunta e resposta dos respectivos professores:

Pergunta 07: Como difundir o valor da Filosofia numa sociedade capitalista que visa o ter e a função social e não valoriza a pessoa?

Professor A: construir um pensamento de crítica a esses valores capitalistas, e confrontá-los com outros elementos da vida social. Mostrar o quanto somos controlados e levados a seguir regras e comportamentos distantes de nossos próprios costumes e valores.

Professor B: Processo por meio do exercício de filosofia e principalmente a partir de alguns conteúdos específicos como: Escola de Frankfurt, teorias políticas como liberalismo, socialismo, existencialismo.

Professor C: Agindo cotidianamente de forma intencional na sua casa, trabalho, ou meio social, questionando a mídia, os valores, permanecendo a questionar o senso comum.

Professor D: Justamente mostrando seu poder desalienador, desmascarador das ideologias. Legal também mostrar a inserção social de alguns filósofos, como Karl Marx. Abordar temas como liberdade, moral, política etc.

Professor E: Isso é como um trabalho de formiga, cada um insiste em fazer sua parte para que tudo aconteça.

A filosofia na visão dos professores, sendo utilizada no cotidiano, traria novo perfil para a juventude, sobretudo no jeito de se postar frente ao mundo moderno. A desonestidade, a corrupção na política, o desrespeito com o semelhante, é uma onda que inunda a sociedade, causando transtornos históricos. Os alunos não levam em conta o perigo social como a insensibilidade, a falta de escrúpulos em muitas instituições sociais. A epidemia do individualismo se alastra por todas as mentes, prolifera a apatia social; pois a honestidade se tornou exceção, sobretudo a práxis virtuosa, como: ética, justiça, alteridade, relegada a segundo plano na modernidade.

3.1 A Filosofia e seu plano de emancipação social

As reflexões expostas pelo corpo docente ressaltam a utilidade da filosofia, quando difundida na mente do indivíduo, sobretudo a juventude, tão carente de senso crítico. A visão crítica emitida, não se constrói sem esforço intelectual, pois na escola, quando do uso da filosofia, se prolifera de forma adequada, a mudança sócio-histórica

acontece. Os professores têm ciência desta urgência, e acredita que a filosofia tem valor social superabundante, quando inculcada pela iminência do ensino, principalmente em sala de aula.

O relato dos professores é taxativo, ou se modifica o ser, revendo seu sentido subjetivo e social, ou se cria autômatos, seres movidos por ideologias hedonistas, que visam apenas o utilitarismo cruel, que torna tudo descartável. A escola como poder ideológico, pode transformar a mentalidade da juventude, a saber, imprimir valores idôneos, onde o ser vale mais que o ter, o rótulo, ou a função social.

Com efeito, foi pela admiração (thauma) que os homens começaram a filosofar tanto no princípio como agora; perplexos, de início, ante as dificuldades mais óbvias, avançaram pouco a pouco e enunciaram problemas das maiores, como os fenômenos da Lua, do Sol e das estrelas, assim como da gênese do universo. E o homem que é tomado de perplexidade e admiração julga-se ignorante (por isso o amigo dos mitos (filómito) é de um certo modo filosófico, pois também o mito é tecido de maravilhas); portanto, como filosofavam para fugir à ignorância, é evidente que buscavam a ciência a fim de saber, e não com uma finalidade utilitária. (ARISTÓTELES, Metafísica, A982 B, 1969)

Ora, se a filosofia desde sua gênese surgiu da busca pelo saber, e emancipação da ignorância, sendo capaz de transformar a Grécia Clássica, sugerindo novos horizontes de conhecimento, transpondo a cosmogonia. A crise dos mitos deu vazão a filosofia, que incitou a ordem social, explicação da realidade em função da investigação filosófica, sobretudo transformação subjetiva.

A filosofia tateia na atualidade, visto seu ensino ser pouco difundido na sociedade, na sala de aula, pouco utilizada, pois não existe suporte conciso para sua difusão. A mentalidade contemporânea incide numa espécie de inércia intelectual, sobretudo por causa da letargia dos tempos atuais, que relega a filosofia ao indiferentismo. Em sala de aula, já fora dito, exposto nas estatísticas tabuladas, que os alunos, apáticos ao ensino de filosofia, sofrem de inanição intelectual, por não incorporar o espírito racional oriundo do aprendizado de filosofia.

O saber que é poder não conhece nenhuma barreira [...] e o que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens [...] Poder e conhecimento são sinônimos [...] o que importa não é aquela satisfação que, para os homens, se chama “verdade”, mas a “operation”, o procedimento eficaz (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 20)

No mundo contemporâneo o saber é fundamental, pois quem não se especializa, acaba sendo superado, substituído, descartado. O sistema pós-moderno impõe um cínico estilo de vida, onde a competição exacerbada acaba subtraindo a alteridade e instigando a segregação social. Na escola pública, quanto mais houver indiferença ao aprendizado, mais o desnível social vai acentuar-se. Se saber é poder, na escola pública, existe pobreza intelectual sensível. A falta de interesse pela filosofia implica também em relativização dos princípios éticos, consequentemente, inaptidão para honestidade, pois a preguiça intelectual incita atos contra a moralidade. Neste caso, o aprendizado de filosofia, implica força de vontade intelectual, visto ser imprescindível buscar o saber, sobretudo na era moderna, pois quem não se especializa, se torna ultrapassado, incapaz de acompanhar a evolução dos tempos.

As atividades profissionais emergentes na Sociedade do Conhecimento exigem pessoas atualizadas. Essas pessoas devem ter um perfil interdisciplinar, devem ser capazes de buscar suas próprias respostas, e serem dotadas de um espírito inovador, com capacidade de liderança e de trabalhar em equipe, para poderem adaptar-se às mudanças e acompanhá-las com criatividade e responsabilidade.¹ (MONTOYA E PACHECO, p.104, 2003)

A filosofia no ensino Médio, ao ser vista com reservas pelos alunos, só prolifera seu desvalor, pois registra pouca inaptidão também do corpo docente, pois acima deste, existe um sistema gestor, que promove o descrédito da filosofia. Quanto mais apáticos são os jovens, mais comodidade social frente aos desmandos dos políticos e injustiças sociais.

3.2 O senso crítico dos alunos nas escolas do Crato

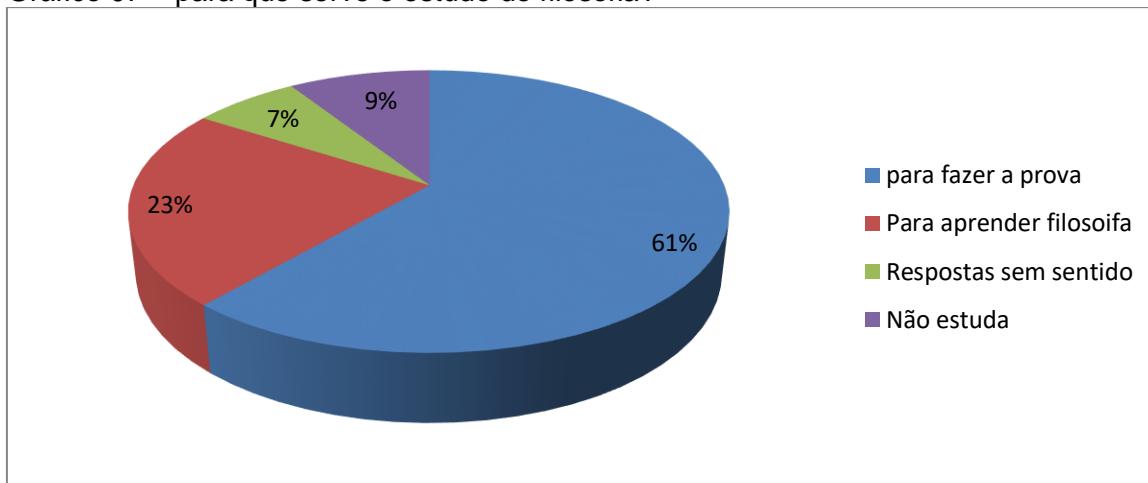
O senso crítico não surge sem esforço. A filosofia se impõe, quando existe aprendizado do seu conteúdo, por isso a intervenção do professor é base de todo o aprimoramento cognitivo. O conteúdo bem transmitido, desperta o gosto pelo saber, leitura e pesquisa de temas afins. O ensino de filosofia requer incentivo quanto a criatividade dos alunos, sobretudo vontade de pensar, refletir e analisar os fatos sociais. Nas diversas questões respondidas, se percebe a carência de conhecimento

¹ MONTOYA, IrmgardKruger; PACHECO, Yara de Macedo. Os desafios da Universidade na Sociedade do Conhecimento. Citado em BEHRENS, Marilda Aparecida (org). Docência Universitária na Sociedade do Conhecimento. Curitiba: Champagnat, 2003, p.101-123.

filosófico seguro, talvez melhor interpelação do professor, que desmotivado, desperta influência tênue em virtude do aprendizado filosófico.

O ensino de filosofia na cidade do Crato, não repercute positivamente, pois na maioria das vezes, serve apenas como meio para se adquirir nota, em virtude da transposição de um ano para outro, aliás, sendo reduzida a finalidade utilitária. O gráfico subsequente, expõe de modo claro, qual o valor do estudo da filosofia.

Gráfico 07 – para que serve o estudo de filosofia?



Fonte: Questionário aplicado aos alunos das escolas pesquisadas.

É notório o tênue uso da filosofia como base para a formação integral do indivíduo, capaz de conduzi-lo a analisar criticamente fatos, eventos, arte e política. Fazer prova, não raro, se traduz em reter conteúdo superficialmente, apenas por um tempo determinado; no caso acima: um preceito pedagógico. Muitos, nem estudam, enveredam pela via da “cola”, e quando não atingem a nota, ficam refém de algum ponto adicional, talvez uma pesquisa qualquer, para compensar a nota baixa, que habitualmente proposto; se tornou regra.

A filosofia, distintamente de outras disciplinas, requer pensar sobre o pensar de outros, e por isso, é raro pensar, sem esforço intelectual, sobretudo dentro de uma lógica filosófica. Neste caso, entra em cena a deficiência de muitas respostas, e a partir destes entraves, (referente ao ensino de filosofia) surgem possibilidades. Existem alunos que gostam da filosofia, e até compreendem sua função, talvez com maior proximidade com temas atuais, que requerem análise e motivação do professor para com o ensino; possam surgir novos horizontes para filosofia.

Os alunos expõem certa fixação por aulas com vídeos, temas simples e comuns em suas vidas, no caso de sexo, drogas, liberdade, corrupção, mentira, verdade, religião, etc. Ora, a filosofia quando próxima da história do jovem, pode incitá-lo a ver eventos comuns, a partir de outra ótica, impulsionando o surgimento do senso crítico. Alguns acenos são expostos pelos alunos, que observados a contento, podem direcionar metodologias mais adequadas para futuras aulas de filosofia.

A filosofia surge de *problemas* que raramente aceita respostas simples e óbvias, por isso, a incessante revolução de ideias, debates, confrontos teóricos. A filosofia se faz pensando, e não a partir de regras tal qual a gramática, ou teoremas como matemática ou física; mas dela se espera a utilização pura e simplesmente do pensamento. Os fatos são vistos, observados de forma igual pelo senso comum, todavia suas nuances complexas, raramente são observadas; neste caso entra a filosofia, que desce a outro setor, que aparentemente não existe; embora ali pululam ideologias, interesses escusos, e outras coisas que escapam ao olhar normal.

Por vezes os debates da filosofia são acerca de problemas aparentemente simples e banais, mas dos quais depende grande parte da nossa vida e do nosso pensamento: problemas relativos à justiça, à certeza daquilo que dizemos e pensamos, aos princípios que orientam a nossa vida e a nossa relação com os outros, à morte e ao sentido da vida, etc.

As soluções surgem a partir de debates, reflexões, intervenção crítica, tanto por parte da atividade racional dos alunos, que instigados pelo professor, são capazes de motivar discursos dentro de sala.

Um professor das respectivas escolas do Crato percebera a seguinte estratégia para melhorar o aprendizado. Ele afirma o seguinte:

Professor A: Outro fato é tornar a filosofia um saber mais próximo do aluno, mais voltado para sua realidade.

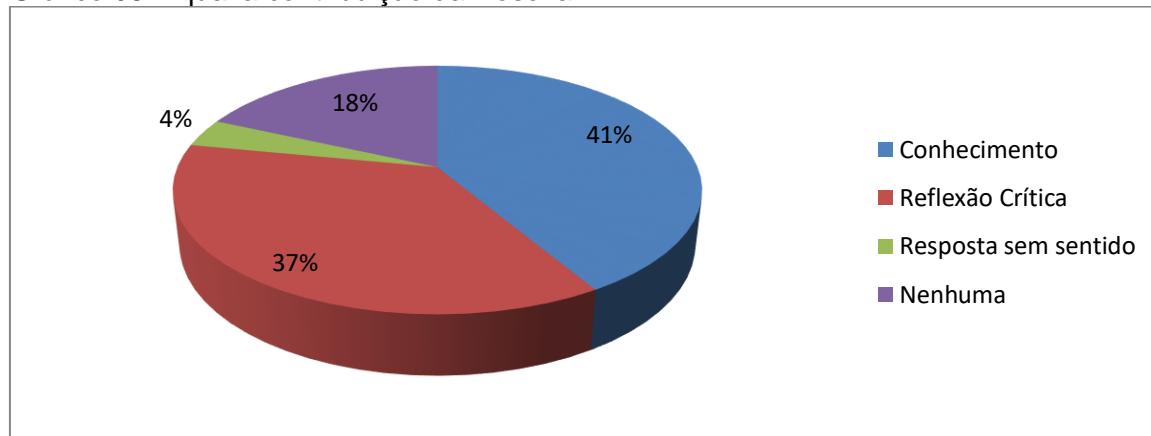
Se a filosofia se torna distante da história do aluno, seu conteúdo se transforma em algo avesso a vida, pois não possibilita compreender nem a história, tampouco a existência subjetiva. Desta feita, podem surgir temáticas relacionadas realidades e situações atuais, que podem ser feita correlação com teorias de autores clássicos. A importância da filosofia pode ser vista quando há confronto de teorias com pontos-de-vista dos alunos, tornando relevante o pensamento sobre fatos e comportamentos.

Ademais, é (ou deveria ser) objetivo de todas as disciplinas tornar possível a emancipação do aluno. Isso é viável quando as disciplinas trabalham em conjunto, pois, se elas fornecem as ferramentas necessárias para o processo de emancipação do indivíduo, cabe à Filosofia, a partir de sua reflexão radical, rigorosa e de conjunto, utilizar essas ferramentas para que seja, então, possível essa emancipação. Isso não significa afirmar que a Filosofia está acima das outras disciplinas; ocorre que elas não têm como potencialidade prioritária emancipar o sujeito, enquanto, em algum sentido, a reflexão filosófica busca ativar essa potencialidade. De todo modo, a Filosofia torna-se “inútil” quando as outras disciplinas não fornecem a base cultural para que a Filosofia possa articulá-la, pensá-la e repensá-la.

Neste caso, o intuito da filosofia se revela na capacidade interna do seu conteúdo em elevar o padrão de reflexão do aprendiz. Neste caso sua contribuição se torna evidente, todavia agindo de forma interdisciplinar com outras áreas do saber. A filosofia depende do seu ensino, visto ser nele ilustrado a sua contribuição educativa, pois desvenda o oculto, pois revela o poder simbólico oculto nos fatos e instituições.

Quanto a contribuição da filosofia para os alunos das Escolas do Crato observa-se o gráfico seguinte.

Gráfico 08 – qual a contribuição da filosofia?



Fonte: Questionário aplicado aos alunos das escolas pesquisadas.

A partir do gráfico, se revela alguns dados importantes sobre a filosofia e seu ensino, sobretudo o valor lhe oferecido dentro da sala de aula. A pesquisa elucida que o aprendizado de filosofia não é satisfatório, afinal a enquete explicita está relutante verdade. Alunos e professores emitiram suas opiniões, foram bastante coerentes;

nesta questão, o gráfico supracitado apresenta a posição dos alunos, impondo respostas sobre o contributo da filosofia.

A filosofia para 41% dos alunos serve para aprimorar o conhecimento intelectual, decerto sendo disciplina importante. As respostas analisadas têm seus lapsos textuais (deficiência gramatical, coerência deficitária e argumentos tênuos) expondo carência de estudo e hábito de leitura. Mesmo com tais constatações se percebe que os alunos têm ciência do valor da filosofia, haja vista são sabedores de sua utilidade dentro da história. Quando 37% dos alunos acreditam que a reflexão é sinônimo de filosofia, implicitamente torna por certo a filosofia como credenciada a analisar com segurança qualquer coisa ou realidade.

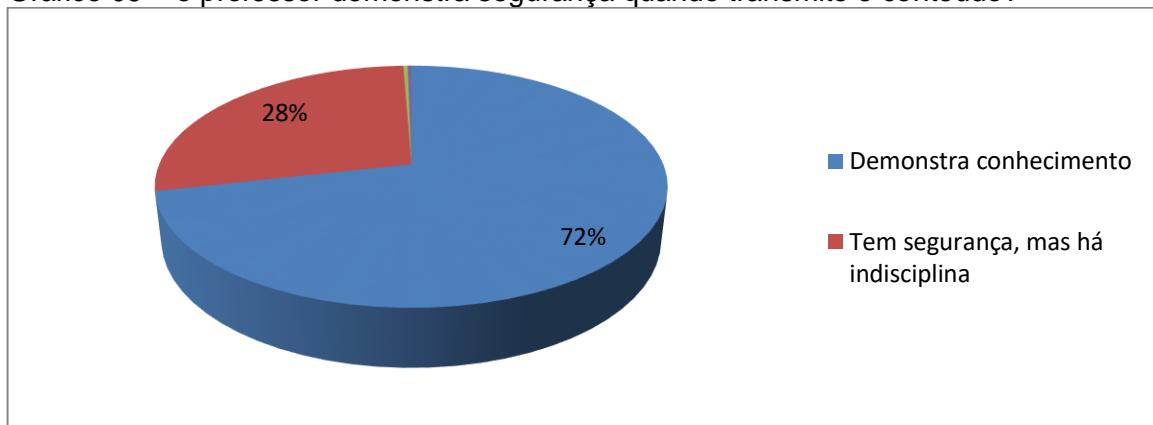
Na sala de aula a filosofia pode quando bem trabalhada se tornar base formativa, não somente para que o aluno reflita os fatos e eventos da história, mas em parceria com outras disciplinas elevar o padrão epistemológico e cognitivo da juventude.

A produção do conhecimento se concretiza com a intervenção pedagógica do professor, que dentro da sala media o saber. Nenhum aluno adentra o recinto da sala de aula munido de conhecimento prévio, mas de potencial que pode ser descoberto a partir da práxis formativa docente. O aluno vê no professor alguém, que tem autoridade, aliás, mesmo não tendo inclinação pela disciplina, o aluno habitualmente sabe que o professor sabe, e que pode ensinar. Se o professor tem conhecimento conciso da disciplina, se expressa bem, tem didática e desenvolve uma aula dinâmica, pelo menos resquícios do conteúdo via de regra, vai se fixar na mente do aluno.

No caso das escolas do Crato, quando uma das questões ressalta segurança do professor em sala, os alunos foram bastante enfáticos em suas respostas.

O gráfico a seguir expõe de forma pormenorizada, o percentual de alunos que se manifestou acerca da segurança do professor, correspondente a transmissão do conteúdo de filosofia.

Gráfico 09 – o professor demonstra segurança quando transmite o conteúdo?



Fonte: Questionário aplicado aos alunos das escolas pesquisadas.

O ensino de filosofia encontra certo entrave na sua objetividade, quando entra em cena a indisciplina em sala; pois acaba impedindo maior proveito na exposição do conteúdo, sobretudo atenua o entusiasmo do professor. O aluno advém de diversificadas regiões, na sua grande parte, é oriundo da periferia, e por não ter relevante apoio dos pais, se torna avesso à ordem. Se não teve limites quando criança, na fase adolescente, se torna complicado moldá-lo, sobretudo dentro de sala. Desconstruir um hábito quando adulto se torna mais difícil, que educar quando infante, e o professor da rede pública, se confronta costumeiramente com o dilema da indisciplina.

Os professores têm segurança quanto à transmissão do conteúdo, segundo maior parte dos alunos. O contexto da sala de aula, das respectivas escolas, é bastante exigente, pois não basta saber filosofia, mas requer, sobretudo controle psicológico, pois carece combater ou ficar apático a indisciplina, para que a aula seja concluída.

3.3 A relação professor/aluno quanto ao ensino/aprendizagem de filosofia.

A filosofia como disciplina obrigatória só encontrou espaço nas salas de aula da rede pública via Parecer n. 38/2006, aliás, a homologação foi impetrada em 11 de Agosto de 2006.

Em um ano, professores de escolas públicas e privadas terão que ensinar mais de nove milhões de alunos a refletir sobre as situações cotidianas. O ministro da Educação, Fernando Haddad, homologou hoje (11) o parecer nº 38/2006 do Conselho Nacional de Educação (CNE), que torna obrigatório o ensino de sociologia e

filosofia no ensino médio. Os estabelecimentos terão um ano para se adaptarem à nova exigência. De acordo com o Ministério da Educação (MEC), o ensino das novas disciplinas deverá ser ministrado em no mínimo duas horas de aula semanais. (BRASIL 38/2006, p. 2)

Já transcorreram-se 08 anos da lei que sancionou a filosofia como obrigatória no Ensino Médio, todavia neste processo mesmo com a compreensão de que o ensino de filosofia é lei, ainda perdura certa reserva quanto ao seu ensino. Em tese, se fala do valor tanto da filosofia quanto da sociologia para a formação humanística do aprendiz, porém o ambiente não se apresenta fértil para que possa germinar.

A carência de professores, a indiferença dos alunos, a pouca iniciativa do Estado quanto ao valor dispensado a disciplina, enseja reflexões sobre a valia da filosofia para a formação cidadã. Está implícito que formar pessoas críticas, conscientes, capazes de enxergar os fatos com senso crítico, não é interesse do poder constituído. A filosofia tem esta função como tradição em seu conteúdo e consequentemente no ensino, e para que haja maior relevância, referente a prática filosófica em sala, se faz urgente, desconstruir a ideologia em vigor. Nos autos do parecer, se enxerga metas bastante claras referente a práxis do ensino de filosofia.

Preliminarmente, reitera-se a importância e o valor da Filosofia e da Sociologia para um processo educacional consistente e de qualidade na formação humanística de jovens que se deseja sejam cidadãos éticos, críticos, sujeitos e protagonistas. Esta relevância é reconhecida não só pela argumentação dos proponentes, como por pesquisadores e educadores em geral, inclusive não filósofos ou não sociólogos. (BRASIL 38/2006, p. 2)

Tendo como base os gráficos supracitados, é urgente um planejamento que contemple não somente a ação docente, mas a interação com o aluno, em virtude da sintonia ensino/aprendizagem. O professor ao levar em conta apenas a exposição do conteúdo, sua atividade em sala, remetendo aos alunos, valor secundário, a aula se torna pura transmissão de conteúdo, aliás, se constitui como ato mecânico de exercer a profissão. O aluno deve ser o “termômetro” da práxis docente, haja vista se a transmissão do saber não atingir o esperado, o método deve ser revisto, pois os objetivos têm em vista produzir conhecimento.

O ensino de filosofia funciona como saber em potencial, cujo conhecimento faz surgir nova mentalidade, instituindo um novo ser. O aprendizado supõe ensino qualificado, haja vista, o entendimento deve surgir quando dá vontade de aprender, e

sobremaneira a partir da intervenção eficiente do professor. Neste caso, para ensinar filosofia, implica conhecimento de causa, em virtude de produtiva aprendizagem. Em tese, o filósofo é quem deve ensinar filosofia, pois fora formado para a respectiva função. Contudo, a regra é relativizada e o ensino de filosofia, habitualmente é efetivado por professores de outras áreas, contradizendo o que reza a lei.

Esse aspecto é abordado no Parecer nº 38/2006, ao afirmar que:

Para garantia do cumprimento da diretriz da LDB, referente à Filosofia e à Sociologia, não há dúvida de que, qualquer que seja o tratamento dado a esses componentes, as escolas devem oferecer condições reais para sua efetivação, com professores habilitados em licenciaturas que concedam direito de docência desses componentes, além de outras condições, como, notadamente, acervo pertinente nas suas bibliotecas. (BRASIL 38/2006 p. 8)

O professor de filosofia tem que mostrar segurança no exercício docente. O conteúdo filosófico que faz parte de sua vida de estudo, lhe credencia instruir o aluno rumo ao conhecimento. No ato do planejamento, se tem em mente o processo metodológico a ser seguido no cotidiano escolar. Por isso, o método está associado ao conteúdo a ser transmitido e principalmente às técnicas utilizadas, para facilitarem a aprendizagem. A filosofia diferentemente de outras disciplinas deve conduzir o aluno a produzir filosofia, gestando-se no ato do ensino, a dialética, o contato intelectual do mestre que mostra o horizonte, e deixa que o aluno trilhe guiado por seu potencial, até a finalidade desejada.

[...] o professor de filosofia é aquele que dialoga com os filósofos, com a história da filosofia e, claro, com os alunos, fazendo da aula de Filosofia algo essencialmente produtivo. Portanto, a Filosofia não é produzida numa parte e ensinada noutra, ela é sempre produzida e ensinada ao mesmo tempo. (GALLO e KOHAN2000, p. 182)

Tendo o argumento acima como base, se constata que o ensino tem que ser algo espontâneo, que flui da mente do professor que porta o conteúdo, sabe que, quando a aula se torna atrativa, há ensino, há aprendizagem, visto existir sintonia, alteridade cognitiva, pois os alunos se tornam protagonistas, criam conceitos a partir da familiaridade que se gesta no contato com outras filosofias, intermediada pelo professor.

Por isso, a escola pública que comporta em suas salas de aula, alunos oriundos da classe menos favorecida, tem que formar bem este futuro cidadão, pois com as

exigências do mundo, visto o sistema capitalista se difundir vorazmente, se torna iminente; reflexões cada vez mais concisas, sobre os desafios dos tempos modernos.

Ao se fixar diante de uma propaganda, um aluno que sabe captar o sentido oculto, ou as artimanhas, ou o intertexto, saberá criteriosamente discernir o que é positivo, ou o que é nefasto para sua existência. Nesse caso, a filosofia se manifesta como parceira, pois seu exercício, eleva a criticidade, incita a compreender o detalhe que se esconde na atratividade do todo do real.

Este jeito de filosofar, não se aprende sozinho, mas na sala, com o professor e os colegas, em contato com o texto, ou seja, compreendendo as teorias filosóficas. A superação de antigos hábitos supõe vontade de conhecer o novo, cujo zelo pelo apreendido, instiga a ultrapassar nova fronteira. Ora, a mesmice do ensino, como fora visto, condiciona o aluno a continuar na “zona de conforto” ou ignorância em relação a outros modos de pensar. A saída, o êxodo para outra dimensão cognitiva não são fáceis, basta ver o revés do ensino de filosofia nas escolas do Crato. A situação clama por melhorias, não pode ser para um futuro longínquo, mas prospectivas urgentes.

A educação acontece gradualmente, sobretudo num contexto hipermoderno, onde o jovem é bombardeado por ganas informativas a todo instante. O professor, no ato da exposição do conteúdo, interagindo com a turma, dispondo de estratégias atrativas, se conseguir inculcar no aluno, algo proveitoso sua investida poderá ser ampliada. Transformar mentes é trabalho árduo, aliás, é mais fácil construir o ser humano, do que desconstruí-lo. O ser humano acostumado a um estilo de vida, radica seu comportamento, habituado a fazer a mesma coisa, seguindo uma regra uniforme. Em sala de aula, o professor além de enfrentar a inaptidão intelectual, ainda se confronta com uma carga cultural petrificada, complicada para ser reconstruída. Ora, é crucial retirar o aluno muitas vezes da escuridão intelectual, visto que, precisa haver abertura pessoal para que a transcendência possa acontecer.

Considera, pois – continuei – o que aconteceria se eles fossem soltos das cadeias e curados de sua ignorância, [...]. E se o arrastassem, dali à força e o fizessem subir o caminho rude e íngreme, e não o deixassem fugir antes de o arrastarem até a luz do sol, não seria natural que ele se doesse e agastasse, por ser assim arrastado, e, depois de chegar a luz, com os olhos deslumbrados, nem sequer pudesse ver nada daquilo que agora dizemos serem os verdadeiros objetos... (PLATÃO, 1987, p.318-319, - 515 e, 516a).

Só o ensino pode transformar a mentalidade inerte da pessoa, muitas vezes habituada ao cômodo universo da ignorância, ou mesmo viver sobre o jugo de imposições alheias. A saída para uma realidade profícua, só acontece por meio do conhecimento, da intervenção eficaz do mestre, que indica o caminho, e auxilia no momento oportuno. A escola tem a função de promover o aprendizado; fornecer condições para erguer-se uma sociedade sóbria, onde o conhecimento restaure a mente da juventude, que precisa de apoio para sair da “caverna” que se encontra.

A filosofia é um suporte importante para restaurar a sociedade, pois incita o jovem a pensar sobre seu ser, conduta, personalidade, capacidade de esclarecer-se acerca do potencial velado que existe em si.

Na efetivação do aprendizado, o ensino tem relevância; pois requer apreensão exata do conteúdo de forma espontânea, sem resistência pelo corpo discente. O professor intermedia o conhecimento, visto introduzir mecanismos pedagógicos (plano de aula, cartazes, slides, Data show, filmes, documentários, palestras, aula de campo etc.) que facilitam o aprendizado, tornando a aula dinâmica, aprazível para a desenvoltura do saber. Ora, a partir deste panorama teórico, poder-se-ia afirmar que, se na prática tais critérios fossem objetivados; o ensino seria excelente nas escolas públicas. No contexto desnudo do cotidiano escolar, o reverso é evidente.

A pesquisa ressalta a estimativa dos professores quanto ao aprendizado, partindo da realidade vigente, cuja produção intelectual é subtraída pelo pouco caso ao estudo de filosofia. O professor se depara com situação avessa ao saber; em contrapartida o aluno não sente empatia com a aula; visto o conteúdo de filosofia, a priori já ensejar pouca relevância cognitiva.

O exercício do aprendizado, no contexto ressaltado, não segue dinâmica entusiasta, pois demonstra pouca participação dos alunos e dificuldades variadas dos professores em expor o conteúdo. Os professores expressaram certas dificuldades na transmissão da disciplina como:

- “O tempo restrito para as aulas de filosofia”
- “Incompatibilidade do livro com alguns conteúdos”.
- “Desmotivação dos alunos”.
- “Indiferença dos alunos”
- “Falta de interesse por filosofia”
- “Descrédito por parte do Estado”

A supracitada recapitulação acerca das respostas dos professores; ratifica dificuldades plurais, pontuadas e experimentadas no cenário educativo. Algo relacionado ao dilema do ensino de filosofia; se reflete no tempo remetido à disciplina, pois 50 minutos semanais, impossibilitam a utilização de recursos didáticos como filmes, que exigiria maior tempo (a não ser por meio de recortes), haja vista, reduz a compreensão do seu real sentido temático. Ora, filmes, documentários, palestras, ocupam no mínimo a aula por completa, ficando a reflexão para próxima aula (oito dias depois), que subtrai o aprendizado, pois requer recapitulação na íntegra, posto alguns alunos, nem se recordarem da temática abordada.

O livro trata de forma imprecisa a abordagem dos conteúdos, sobremaneira quando se tem propósito de performance intelectual concisa, pois além de expor teorias superficiais, pouco interpela o aluno para aprofundamentos. Filosofia se faz intermediado por interpelações e pesquisa, aprendizado interativo com temas afins, todavia a didática contida no livro, pouco contribui, pois não valoriza devidamente o aprendizado filosófico.

O olhar crítico que advém da inclinação pela leitura filosófica, só acontece quando existe vontade, direcionamento, possibilidades. A instituição pública, via de regra, não contribui devidamente, pois porta teorias fabulosas; todavia se constituem em “utopias”, pois na prática são estéreis.

4 A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO QUANTO AO ENSINO/APRENDIZAGEM DE FILOSOFIA

Posterior à exposição da análise do estudo, afixado no capítulo anterior, a partir de análises, observações acerca das respostas dos alunos, se tornaram empíricas conclusões objetivas, sobre a valia do ensino filosófico nas escolas do Crato.

Ora, a teoria cedeu lugar a dados, gráficos, analogias, fala de professores e alunos, que sem reservas, expuseram seus conceitos, sobre o lugar da filosofia nas vidas docente e discente. A educação filosófica, não acontece à margem da pedagogia escolar, mas geminada, contribuem para formação integral do indivíduo. A visibilidade tênue da filosofia como disciplina, no respectivo contexto escolar, converge para um olhar crítico superficial, até mesmo, quanto à reivindicação de direitos constituídos, dentre eles; educação de qualidade. Nas respectivas escolas, o conhecimento filosófico não condiz com o valor histórico da filosofia, pois são poucos os alunos que acreditam em seu protagonismo epistemológico.

A presença da filosofia na escola não é um empreendimento tranquilo. Muitos são os obstáculos a serem superados para que essa presença seja possível; sobretudo porque, quando uma instituição opta por incluir filosofia em seu currículo ou quando uma política educacional dispõe sobre a inclusão da filosofia nos currículos escolares, isso se faz em nome de uma certa filosofia e em nome de certas intenções para com a filosofia. Dizendo de outra maneira, quando está na escola, a filosofia está para atender a determinados interesses, para cumprir uma necessidade “ideológica”. (GALLO, 2012; 27)

Os relatos observados convergem para reflexões factuais, sobre o alerta, quanto ao lugar ocupado pela filosofia no cenário educacional. O entrave referente ao ensino filosófico advém de fatores inclusos na própria práxis educacional, pois a didática utilizada demonstra relativa fragilidade, aliás, institucionalmente a filosofia é concebida como disciplina sem relevo em relação às demais.² A realidade emite sérias questões, pois demonstra a tênue repercussão que o ensino exerce na mente dos alunos, sobretudo conteúdos de filosofia, pois se ressalta no interior das salas de aula, visível apatia, falta de interesse e não cumprimento dos planos contidos nas orientações curriculares para o ensino Médio.³

²cf. (GALLO, 2012; 27)

³A filosofia deve ser tratada como disciplina obrigatória no ensino médio, pois isso é condição para que ela possa integrar com sucesso projetos transversais, e, nesse nível de ensino, com as outras

A filosofia executa papel fundante quanto a formação integral do indivíduo, porém, seu conteúdo é negligenciado, tornando seu ensino parcialmente relevante. Nos relatos dos alunos, percebe-se concretamente, cultura avessa ao senso crítico, oriundo do pouco interesse ao estudo filosófico. A conclusão abstraída a partir do estudo realizado, expressa visível contradição em relação à teoria das orientações curriculares para o ensino médio, pois estes, ao emitirem o prestígio formativo da filosofia, visam uma educação constitutivamente legal.

Uma sociedade que compreenda a obrigatoriedade da filosofia não a pode desejar como um pequeno luxo, um saber supérfluo que venha a acrescentar noções aparentemente requintadas a saberes outros, os verdadeiramente úteis. De modo específico, importa atribuir-lhe carga horária suficiente à fixação do que lhe é próprio.⁴ (BRASIL, 2008. p, 19)

O ato de ensinar requer uma série de atividades previas (planejamentos, estratégias didáticas, recursos pedagógicos etc) visto implicar previsões do que poderá ser efetivado dentro da classe. No caso das escolas do Crato, o exercício docente explicita dificuldades de aprendizagem, que deveras carecem de prospectivas iminentes. O ensino excelente, esbarra na inaptidão do aluno, pouca inclinação pelo estudo, e escrita deficiente; posto que expõe a preocupante rotina das salas de aula. Ora, se a escola sofre com a antipatia de grande parte dos alunos relacionada às disciplinas; igualmente, se conclui que a filosofia, encontra um ambiente contrário à sua proliferação.

A legislação educacional é bastante categórica quanto a função da escola em educar, instruir, possibilitando a transformação positiva do indivíduo, para enfrentar as exigências da modernidade. Em tese, os estatutos são bem elaborados, possuem regras claras; todavia sua execução é frágil, superficial, visto não acoplar teoria e prática na realidade educacional. A ideia central é formar um indivíduo capaz, socialmente resolvido, atento as mudanças sociais, em que se confronte com as exigências do mundo e as resolva.

“Trata-se de ter em vista a formação dos estudantes em termos de sua capacitação para o desenvolvimento de novas competências, em função de novos saberes que se produzem e demandam um novo tipo de profissional preparado para poder lidar com as novas tecnologias e

disciplinas, contribuir para o pleno desenvolvimento do educando. BRASIL, Ciências Humanas e suas tecnologias, Orientações curriculares para o ensino médio. 2008.

⁴BRASIL, 2008. P, 19

linguagens, capaz de responder a novos ritmos de processos. Essas novas relações entre conhecimento e trabalho exigem capacidade de iniciativa e inovação e, mais do que nunca, aprender a aprender.” (BRASIL, 2008.p 34).

A teoria supracitada, na prática deveria ser regra, contudo não encontra ambiente propício para radicar-se, tornando-se, em variados contextos, exceção; outros pouco utilizada, deixando à práxis educacional crivada por sérias lacunas. No caso específico das escolas do Crato, a fisionomia do ensino, não é otimista, pois revela deficiência formativa, tanto na qualidade cognitiva dos alunos, como na execução de uma escrita transpassada por erros gramaticais grotescos.

No caso do ensino de filosofia, a realidade demonstra comportamento anti-filosófico. O corpo discente dispensa pouca importância à disciplina, tornando o aprendizado deficitário, sem perspectivas atrativas. Existe sensível descaso, pois seu ensino é efetivado por profissionais que ‘via de regra’, não têm competência para a docência na área de filosofia. A fragilidade do aprendizado se torna um prejuízo incalculável para a educação, pois priva o cidadão de olhar a realidade a partir de outra ótica, desconhecendo as nuances ideológicas que não raro, esconde a realidade nociva da alienação.

“Faz-se necessário uma proposta educacional que tenha em vista a qualidade da formação a ser oferecida a todos os estudantes. O ensino de qualidade que a sociedade demanda atualmente expressa-se aqui como a possibilidade de o sistema educacional vir a propor uma prática educativa adequada as necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais da realidade brasileira, que considere os interesses e as motivações dos alunos e garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem.”(BRASIL, 2008. p. 33).

Os professores se deparam com circunstâncias cotidianas exigentes, em diversos casos, alunos desprovidos de base cognitiva que impossibilita direcionar valiosa evolução na aprendizagem. A falta de aptidão para o saber; implica ausência de aulas bem elaboradas; comprometimento dos alunos e falta de parceria entre escola e família, quanto à constituição de um ensino de qualidade. A formação integral implica, não somente a retenção de conteúdo, mas transformação subjetiva, personalidade ética, ou alteridade, em virtude da construção de experiência politizada, marcada pela probidade cívica.

Em vista destes pressupostos filosóficos e pedagógicos Platão afirma que a “educação não é como certas pessoas pensam e acreditam, não consiste em infundi-la na alma a quem não a possui como quem dá visão aos cegos”. Para ele, “a faculdade de aprender e o órgão destinado a isso residem na alma de cada um”. Em outras palavras, a educação não consiste em inculcar um saber exterior na alma, mas fazer com que a alma se volte para o essencial, para a ciência superior, para o bem, e isso implica uma conversão, isto é, em redescobrir ou recordar a ciência que está em nós, conforme a teoria da reminiscência. A educação é a arte deste desejo de bem. (PAVIANI, 2008 p. 95)

Nas respectivas escolas onde a pesquisa foi produzida, os alunos cursam turmas do ensino médio (1º, 2º e 3º ano), que regularmente iniciam a disciplina de filosofia apenas no primeiro ano. A mente dos alunos já está crivada por outros conteúdos, como Português, matemática, história, geografia, ciências biológicas, etc., contudo o ensino de filosofia será exigido apenas a partir do Ensino Médio. Percebe-se que o organograma das disciplinas, não enceta a filosofia como disciplina similar às outras; implicitamente seu valor, não denota singularidade; ou necessidade. A faculdade de aprender dos alunos não foi predisposta para aceitar filosofia como essencial ao currículo. Talvez seja o entrave maior para o aprendizado concreto do conteúdo filosófico.

4.1 A Filosofia e seu lugar na sala de aula contemporânea

A onda hipermoderna prescreve a novidade como “definitivo”. O processo de modernização se tornou global, portanto, com o frenesi das mudanças sociais, tanto coisas, utensílios, e até mesmo o ser humano se tornou descartável, tendo prazo de validade. A tradição perdeu espaço para a relativização de princípios antigos norteadores, posto que, “tudo” se fragmenta, inclusive a alteridade; haja vista a tecnologia informatizada possibilita relações virtuais, que suprime o contato físico.

No universo da pressa, dizem, o vínculo é substituído pela rapidez; a qualidade de vida, pela eficiência; a fruição livre de normas e de cobranças, pelo frenesi. Foram-se a curiosidade, a contemplação, o relaxamento voluptuoso: o que importa é a auto-superação, a vida em fluxo nervoso, os prazeres abstratos da onipotência proporcionados pelas intensidades aceleradas. Enquanto as relações reais de proximidade cedem lugar aos intercâmbios virtuais, organiza-se uma cultura de hiperatividade caracterizada pela busca de mais desempenho, sem concretude e sem sonoridade, pouco a pouco dando cabo dos fins hedonistas. (LIPOVESTKKY, 2004. p. 61)

Em sala de aula o aparato moderno se infiltra de forma incontrolável, basta ver que independente da condição social, a juventude usa aparelhos portáteis de tecnologia complexa, e são peritos em mídias sociais, onde gastam maior parte do tempo, em conversas on-line, e espontaneamente prescindem da leitura didática ou paradidática. Os textos filosóficos são vistos como enfadonhos, sem validade prática, pois segundo a juventude, não respondem as demandas atuais. O filosofar comprehende pensar, ruminar ideias, para posterior ao raciocínio; concretizá-lo. Isto demanda tempo, estudo, análise, e por isso, ajuda mediata do mestre, que afeito a filosofia, intermedia o saber.

No recinto da sala de aula, educar o aluno ao ato de estudar, conduzi-lo à concentração é tarefa árdua; posto que, outras ideologias, por sinal, atrativas; não cooperam com a formação humanizante. Detalhes como textos mal escritos, respostas breves e sem objetividade, frases incompletas...; são indicativos reais que comprovam a deficiência na leitura bibliográfica.

Os professores de filosofia esperam legitimamente da escola que ela torne o ensino de filosofia pelo menos possível – cabe a eles torná-lo vivo. E é verdade que essa incumbência que é nossa se coloca cada vez mais, no terceiro colegial e em outras turmas, contra certo número de evoluções inquietantes: a crescente incultura dos alunos, seu domínio deficiente da língua escrita, a desvalorização (de parte deles, mas também, infelizmente, de muitos colegas) da abstração e do trabalho conceitual, o culto ingênuo da vivencia do concreto e da espontaneidade... Tudo isso ameaça, é verdade, tornar em breve nosso ensino quase impossível – ou, em todo caso, sem efeito – é fazer de nossas aulas não mais um lugar de reflexão e trabalho, mas, como já se diz de intercâmbios, de animação, de comunicação... Os debates de opiniões substituiriam então o estudo dos textos, a impaciência presunçosa dos falsos saberes triunfaría sobre a paciência do conceito e a filosofia se apagaria, enfim, diante de uma filodoxia... Seria o triunfo dos sofistas e do grande animal. (COMTESPONVILLE, 2001 p. 135)

A falta de aptidão pelo estudo, sobretudo da filosofia, advém da relativização educacional nas escolas públicas. A pesquisa expõe algo controvertido, quanto ao ensino de filosofia. São ao todo cinco professores, nas cinco escolas da rede pública; apenas um, dispõe da competência docente. Ora, a disciplina tem suas particularidades, método pedagógico; deste modo caberia ao professor de filosofia, ter a competência institucional e epistemológica para a docência. O critério parece ser apenas o de ocupar preencher a carga horária, sem levar em conta a valia de conteúdo que a filosofia pode favorecer à vida futura do aluno.

O aluno já não tem o hábito de estudo, e se defronta bruscamente com determinada disciplina, que pouco ouviu falar no ensino fundamental, ou desconhece por completo seu conteúdo; quando introduzido no ensino filosófico, descobre que o professor é formado em outra área. Veja só a aporia que o ensino de filosofia se inclui: alunos não afeitos ao estudo; professores apenas para preencher a carência de titulares. O aluno ao menos na teoria conhece português, matemática, história, geografia, etc; filosofia certamente será um ensino tardio, visto só ter contato apenas no ensino Médio; ademais a maioria dos alunos, em princípio, adquire antipatia pela disciplina, visto desconhecer seu valor, e justificar que não servirá para concursos ou vestibulares.

A forma como o professor de filosofia expõe as aulas são expostas pelos alunos, a partir de uma escrita mutilada gramaticalmente, ou explicita pouca leitura; aliás, o conteúdo das respostas apresenta a realidade do ensino, que reclama melhorias.

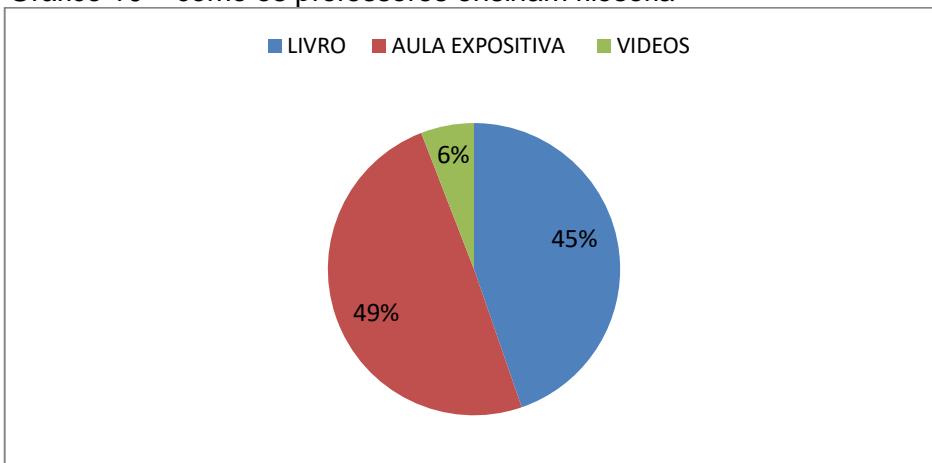
Um aluno como porta-voz da sala, respondeu o seguinte sobre a pedagogia do professor quanto ao ensino de filosofia:

Aluno A: “De qualquer maneira, a filosofia é muito importante para a sala. A Filosofia são muito legal”.

A enquete proposta relata a face desfigurada do ensino de filosofia. São dados que causam angústia, todavia demonstra que se pode fazer algo, pois prospectivas existem, haja vista as teorias pedagógicas podem ajudar a solucionar a problemática educacional que se gestou nas salas de aula. É latente a iminência de maior cuidado com a capacitação de jovens da rede pública, pois se não houver investimento neste setor, num futuro precoce, grande parte da população estará a mercê de um sistema educacional sem serventia, pois não prepara adequadamente o homem para as exigências da modernidade.

A falta de aptidão dos professores, com o adicional de antipatia dos alunos quanto a filosofia expõe um cenário escolar avesso a formação que o conteúdo filosófico pode prover. O livro didático é utilizado sem auxílio de textos extras, sendo feita leituras individuais ou em grupo, sem atrair o aluno para reflexões concisas, visto não ser trabalhado o conteúdo a partir do suporte de outros textos.

Gráfico 10 – como os professores ensinam filosofia



Fonte: Questionário aplicado aos alunos das escolas pesquisadas.

O ensino compreende planejamento didático em virtude do aprendizado iminente de conteúdo disciplinar. O método se torna fundamental, pois encaminha a aprendizagem, quando da utilização de variadas técnicas, tendo em vista o contexto discente em pauta. Livros, aula expositiva e vídeos, podem ser mecanismos fundamentais para que se protagonizem aulas produtivas; sobretudo quando utilizados devidamente. No caso de aulas expositivas, os professores precisam ter domínio excelente do conteúdo, e saber que, mesmo sendo perito no conteúdo em pauta, se faz urgente, a utilização de múltiplos recursos didáticos, para manter o aluno fixado na aula. Numa sociedade em que tudo é fugaz, com validade meteórica, os discursos não podem ser extensos, pois cansam, por isso, aulas dinâmicas, causam boa impressão e produzem conhecimento a contento.

Se o aluno não tem hábito de estudo, logicamente vai ser relutante à leitura de textos filosóficos, visto exigir contato direto com textos, fragmentos, livros e teorias clássicas, que implicam interpretações de temáticas, costumeiramente, complexas. Ora, a filosofia está conectada a vida, eleva o conhecimento de mundo, e auxilia na interpretação, pois emite possíveis mudanças. O professor visualizando o contexto socioeducativo da escola; sabe o grau de aprendizagem que ali se encontra, e certifica-se que a exigência quanto ao ensino implicará desafios.

Tornou-se cultura exigir provas semanais, mensais ou bimestrais, para ter um computo geral sobre o perfil do aluno. As provas (ou testes) são mecanismos “infalíveis”, utilizados pelas instituições para comprovar se verdadeiramente o aluno aprendeu ou apreendeu o conteúdo exposto em sala.

Existe certa reticência quanto à aprendizagem concreta, pois em dias de prova, o aluno decora, e imprime no papel, conteúdo limitado, haja vista só captou àquilo que lhe credenciaria aprovação. A cultura da nota limita a versatilidade cognitiva, impondo uma lei, que prescinde do saber que se adquire via envolvimento com a disciplina. Os jovens devem ser interpelados a emitir julgamentos sóbrios sobre a vida, a história, o ensino, sobre sua postura de aluno... Afinal, a escola deve lhe favorecer ferramentas para a construção de intrépida personalidade estudantil.

A filosofia ao ser vista apenas como erudição, restrita a gente intelectualizada, torna o aluno avesso a sua teoria. A filosofia mais do que decorar seus autores, e teorias; se estabelece como suporte epistemológico para construção de conceitos. É um ato livre de pensar, fazer emergir ideias sóbrias acerca do cotidiano, observando as entrelinhas do que é aparentemente simplório.

Afinal de contas, o que importa a história da filosofia? Devem a eles ser desencorajados a ter opiniões, diante do montão confuso de todas as que existem? Devem eles também ser ensinados a entoar cantos jubilosos pelo menos que já tão magnificantes construímos? Devem eles porventura aprender a odiar e a desprezar a filosofia? E se ficaria quase tentado a pensar nesta última alternativa, quando se sabe como, por ocasião dos seus exames de filosofia, os estudantes têm de se martirizar, para imprimir nos seus pobres cérebros as ideias mais loucas e mais impertinentes do espírito humano junto com as mais grandiosas e difíceis de captar. A única crítica de uma filosofia que é possível e que além disso é também a única que demonstra algo, quer dizer aquela, que consiste em experimentar a possibilidade de viver de acordo com ela, esta filosofia jamais foi ensinada nas universidades: sempre se ensinou apenas a crítica das palavras pelas palavras. E agora, que se imagine, uma mente juvenil sem muita experiência de vida, em que são encerrados confusamente cinquenta sistemas reduzidos a fórmulas e cinquenta críticas destes sistemas – que desordem, que barbárie, que escárnio quando se trata da educação para a filosofia! De fato, todos concordam em dizer que não se é preparado para filosofia, mas somente para uma prova de filosofia, cujo resultado, já se sabe, é normalmente que aquele que sai desta prova – eis que é mesmo uma provação – confessa para si com um profundo suspiro de alívio: “Gracas a Deus, não sou um filósofo, mas um cristão e cidadão do meu país”. (NIETZSCHE 2003; pp. 212-213)

O ensino de filosofia tem certa resistência por parte dos alunos, pois sumariamente não a vêm como valia similar às outras disciplinas. Esta predisposição controvertida em relação ao aprendizado filosófico; produz relativo revés quanto a atividade do professor em sala, pois exige maior habilidade com o conteúdo, e desconstrução ideológica, para reverter a resistência quanto a disciplina. A vontade

de aprender filosofia não é, via de regra; emitida por todos; ao contrário, poucos se dedicam, basta ver as respostas dos professores em virtude do comportamento dos alunos em função das aulas.

Pergunta. Existe entusiasmo dos alunos quanto ao aprendizado de filosofia? Como eles encaram a disciplina no cotidiano escolar?

Professor A: Pode-se afirmar de maneira geral que sim, alguns alunos possuem uma predisposição para a construção do pensamento filosófico, e sua explicação e reflexão sobre os problemas e questões sociais. Por outro lado, outros alunos não demonstram interesse algum pela disciplina.

Obs. Este professor é graduado em sociologia.

Professor B: Não. Encaram como uma disciplina sem valor em relação às outras como português e matemática.

Obs. O professor é o único graduado em filosofia.

O incentivo para o aprendizado em filosofia, se traduz na utilização de recursos didáticos e na habilidade do professor no instante da exposição do conteúdo. A receptividade, referente à disciplina é relativamente tênue, pois existe compreensão equivocada sobre filosofia, posto que se difundisse a ideia sobre a dificuldade do conteúdo, haja vista somente intelectuais compreendem. Outra definição subtrai o entusiasmo do alunato, refere-se ao conteúdo abstrato das ideias, que não se conecta com a realidade histórica. A funcionalidade da filosofia não atrai a turma, pois eivada de preconceitos, subtrai o interesse generalizado por seguir carreira de filósofo.

A filosofia não é, de modo algum, uma simples abstração independente da vida. Ela é, ao contrário, a própria manifestação da vida humana em sua mais alta expressão. Por vezes, através de uma simples atividade prática, outras vezes no fundo de uma metafísica profunda e existencial, mas sempre dentro da atividade humana, física ou espiritual, há filosofia [...]. A filosofia traduz o sentir, o pensar e o agir do homem. Evidentemente, ele não se alimenta da filosofia, mas, sem dúvida nenhuma, com a ajuda da filosofia. (LUCKESI 2010, p.22)

A filosofia ultrapassa a formalidade do ensino convencional, pois implica liberdade de expressão sobre as teorias e circunstâncias históricas. O professor pelo

exercício de ideias, a partir do processo maiêutico, interpela o aprendiz a construir conceitos sobre a história.

Para Alcino Leite Neto. Folha de São Paulo, caderno Sinapse:

O professor é aquele que conduz, que aponta o norte, o sul, e depois diz ao aluno: "Vire-se você, faça o seu próprio caminho". Nietzsche dizia que um bom mestre é aquele que ensina os alunos a se desligarem dele. Então é preciso ensinar as pessoas a se desligarem de seus mestres, a serem mestres de si mesmas. É um estranho paradoxo, mas nós, professores, somos feitos para não existir. O que interessa é que as pessoas tenham uma relação direta com a filosofia, na qual eu serei apenas um mediador. Eu sou feito para desaparecer. (NETO in: GALLO, 2012 p. 32)

O ensino não pode ser algo forçado, mas capaz de emancipar o indivíduo do não conhecimento. O professor instiga o aprendiz a auto emancipar-se, visto mediar a ascensão ao árduo mundo do conhecimento. O processo de ensino se dá sobre o antagonismo do não saber, que se concentra na difusa realidade da indiferença cognitiva, que distancia o aprendiz da aprendizagem. Decorar datas, autores clássicos ou contemporâneos, não é sinônimo de aprendizado, aliás, limita a evolução, pois impede a transposição ao meramente mecânico.

4.2 Exigências constantes para o ensino de filosofia

No século XXI, embora sendo uma cultura de mudanças frenéticas, posto que tudo é fugaz, não se pode negar, que algumas facilidades para a aprendizagem são favoráveis. A internet facilita o acesso a outras etnias, universos epistemológicos, sobretudo a reedição de clássicos como Platão, Aristóteles, Agostinho, Kant e outros pensadores, disponíveis em bibliotecas virtuais, que auxiliam a constituição da formação do saber. O professor em contato com estas tecnologias; pode utilizá-los sem dificuldades, e planejar aulas dinâmicas sem comprometer o conteúdo curricular.

Nos argumentos supracitados se percebe que tecnologias como vídeos, livros, e outros instrumentos são utilizados. Ora, a utilidade do recurso didático, não pode apenas reproduzir o método anterior, mas ir além. Inovar é urgente, dinamizar a ponto de interpelar a curiosidade do aluno torna a aula tolerável e o conteúdo atrativo.

Neste caso, a intervenção do Estado/Escola para a difusão da filosofia se torna imprescindível. O conteúdo filosófico já pode ser encontrado, embora ainda tênue, nas

provas do ENEM, concursos, proporcionando maior qualificação à disciplina. Neste caso, ainda é carente acervo diversificado de livros de filosofia nas bibliotecas públicas, principalmente vídeos com documentários, filmes com temáticas afins, como suporte irretocável para formação cidadã.

No caso da atenção remetida a filosofia pelo Estado/Escola os professores das escolas do Crato foram enfáticos em seus argumentos.

Questão 03. Qual a atenção que o Estado/Escola remete a disciplina de filosofia?

Professor A. “Quase não existe e se existe desconheço qualquer preocupação exclusiva sobre a filosofia”. (Sociólogo)

Professor B. Devido a novas aplicabilidades em provas como ENEM e SPAECE a escola inicia uma nova forma de abordar e valorizar esta disciplina, mas ainda ficando muito longe do esperado pelo profissional da área e das demais disciplinas. (Sociólogo)

Professor C: “Pouco interesse é visto. A disciplina só conta com 50 minutos semanais, e não há investimento na área. Os professores são sobre carregados com pelo menos 27 turmas para lecionar” (Historiadora)

Professor D: “Não o suficiente, o fato de reservar somente uma aula por semana já evidencia que a valoriza menos em relação as outras” (Filósofo)

Professor E: “Em geral é como uma disciplina complementar sem muita importância”. (Sociólogo)

O que se observa, no comentário dos professores, a intervenção do Estado/Escola demonstra frágil benefício, ou ajuda, em função do ensino de filosofia, pois o suporte dispensado é diminuto. Enxergar a filosofia como disciplina complementar, impossibilita ao aluno tê-la como relevante, pois lhe subtrai o estatuto de disciplina obrigatória. O professor de sociologia reclama o trato inadequado direcionado à filosofia, que acaba repercutindo negativamente no ensino, visto não se inclinar ao estudo, pois não lhe importar o aprendizado. O aluno foi instruído para o estudo em função da nota, não da livre iniciativa para a evolução cognitiva. Este método utilitário, usual nas escolas, traz consequências sórdidas para a formação integral do aluno. Por isso, a “obrigatoriedade” disciplinar assegura a sobrevida no currículo, todavia não lhe possibilita simpatia, pois o aluno é forçado a aceitar filosofia, em virtude da coerção remetida pelo sistema educacional.

O ensino de filosofia denota resistência concreta, e mesmo com uma educação deficitária, sofre com acentuada aversão. É raro alunos se reunirem para estudá-la. O texto produzido em sala expõe argumentos incoerentes, não rara deficiência gramatical; e quando se exige pesquisa extraclasse, o plágio muitas vezes é tônica imediata. Instigar o aluno à pesquisa filosófica, como se viu; não é simples, pois a partir de compreensão simplória, é raro, aluno do Ensino Médio saber definir filosofia. Por não ter objeto definido, se torna uma incógnita para o estudante compreendê-la em virtude de várias filosofias.

(...) não existe "a" filosofia, mas "as" filosofias e, sobretudo, o filosofar; "a filosofia não é um longo rio tranquilo, em que cada um pode pescar sua verdade. É um mar no qual mil ondas se defrontam, em que mil correntes se opõem, se encontram, às vezes se misturam, se separam, voltam a se encontrar, opõem-se de novo... cada um o navega como pode... e é isso que chamamos de filosofar". (SAVATER, in GALO 2012 p. 39.)

A variedade de filosofias, comprehende temáticas que surgem e são defendidas por teóricos que afirmam a relevância de suas doutrinas. Transmitir teorias como a clássica; tem que se levar em conta: mitos, filosofia pré-socrática, a sofística, o helenismo (estoaicismo e epicurismo, cinismo), etc. Ora, para falar destas teorias filosóficas, supõe contextualizá-las; contudo seus conteúdos são deveras contemporâneos. A ética aristotélica, pode ser reinterpretada e contextualizada na realidade fragmentária da ética atual. O fundamental é utilizar a filosofia para analisar cada filosofia, sem se fixar em doutrinação imediata de teorias supostamente verdadeiras, pois nenhum saber pode ser constituído como definitivo; fechado em si mesmo; visto correr o risco de se tornar totalitário. Por isso, a filosofia se concretiza como arte que não coloca fronteira para o conhecimento, sendo aberta, capaz de inventar conceitos, criar novas possibilidades. Cf. GALLO, 2012; 40.

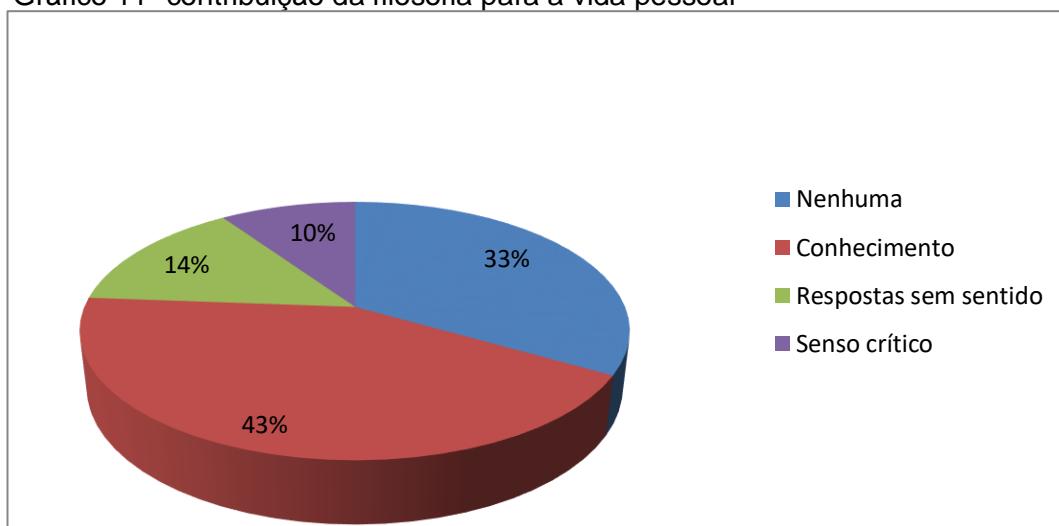
A dificuldade de ensinar filosofia é que esta disciplina consiste mais numa atitude intelectual do que num conjunto bem estabelecido de conhecimentos, cada uma dos quais poderia ser separado sem diminuição de sua força assertiva do nome do seu descobridor. Por isso, a via pedagógica mais evidente, quase irremediável, passa pelo estudo de cada uma das grandes figuras do tato filosófico (como quem diz, os seus Arcanos Maiores) para a comemoração de tais exemplos da filosofia em marcha – quando bem feita – é o mais estimulante para o aluno e terreno mais seguro para o professor (...) A recomendação kantiana de que não se deve ensinar filosofia mas sim a filosofia condensa num lema a dificuldade, mas não a resolve. O distintivo do

filósofo não é arengar às massas nem sequer doutrinar grupos de estudo, mas comunicar o individualmente pensado a um interlocutor também único e irrepetível. (SAVATER, in GALO 2012 p. 43-44)

A filosofia ensinada implica transformação não somente cognitiva, mas também cidadã, subjetiva, pois eleva o grau de reflexão, em virtude da transformação sócio-histórica. O professor tem função transformadora, desde que seja genuinamente mestre, posto que não observa o aluno como depósito de informações, mas um ser de possibilidades; capaz de recriar o que fora apreendido.

O gráfico reflete a contribuição da filosofia manifesta nas escolas do Crato.

Gráfico 11- contribuição da filosofia para a vida pessoal



Fonte: Questionário aplicado aos alunos das escolas pesquisadas.

Aluno A: Até agora nada

Aluno B: Contribuiu no meu aprendizado na disciplina, e, para um melhor entendimento de fatos que ocorrem no meu dia a dia.

Aluno C: Ela trouxe tantas coisas que eu nem me lembro.

Obs: Os três alunos cursam o 3º ano do Ensino Médio.

As respostas supracitadas expõem a caricatura de um ensino desfigurado, relativo à filosofia. O aluno A, afirma não ter experimentado contribuição alguma a partir das aulas. É no mínimo curioso, pois o argumento coloca em xeque o trabalho do professor, visto ser um aluno do 3º ano do ensino médio. A indiferença quanto ao aprendizado, demonstra que, o importante foi apenas ser aprovado para o ano seguinte. Não houve aproveitamento, sobretudo evolução pessoal, pois as respectivas

teorias filosóficas, são compreendidas como incapazes de ajudar ao ser humano, quanto ao crescimento pessoal.

A transformação do ser humano se faz com força de vontade, principalmente do professor que se defronta com inúmeras personalidades; variadas culturas dentro da sala. Existe é claro, alternativa de mudar positivamente a mentalidade dos jovens, e torná-los instruídos. Se o homem não é totalmente mau, existe algo de bom que pode ser equacionado e outro que não seja tão justo que pode ser ressignificado. Se não está totalmente pronto, nem para o bem, nem para o mal, então por que não tentar processualmente reajustá-lo, segundo a virtude da razão reta?

A filosofia vinculada à educação; trará frutos abundantes para o desenvolvimento social. Seu conteúdo não se constitui com algo etéreo, distante da história, mas se expõe como possibilidade de ascendência ao saber, dentro de um contexto histórico específico. Por isso, a prática filosófica ajuda a compreender a vida e instiga ao homem a sair da inércia intelectual e aderir a novos saberes.

O ser humano não estará pronto em nenhuma fase de sua vida. A educação acontece a cada instante, desde que haja abertura subjetiva, e alguém que seja capaz de trazer à tona o potencial subjetivo. Neste caso a pedagogia socrática, partindo da ironia, (quando indagava acerca do conhecimento que o aprendiz julgava ter), sequenciada pela maiêutica (a arte dialética de parir conhecimento), pode ser reutilizada nas salas de aulas contemporâneas.

Sendo assim, o professor se torna imprescindível, pois media o ato de aprender, aliás, na relação com aprendiz interlocutor, na dialética pedagógica da conversa, onde dois ou mais “mundos” se intercruzam cognitivamente, o ensino se constitui com solidez e se inculta. Sócrates não era pedante, ou mostrava-se orgulhoso por ser “mestre”, mas sabia reconhecer-se carente de conhecimento, e por intermédio de perguntas partejava o saber.

Na sala, o professor deve instigar o conhecimento do aluno, não deve se sobrepor, mas reconhecer que nenhum ser humano é desprovido de conhecimento, portanto o aluno tem algo a oferecer, precisa apenas ser interpelado. A educação se constitui como atividade que faz o aluno reconhecer seu potencial oculto, cuja aprendizagem se torna concreta por meio da parceria efetivada com o professor. A filosofia instiga o protagonismo subjetivo, para que haja transformação individual e histórica. Por isso, no contato com o Outro, a partir do diálogo formativo que acontece em sala, se houver adesão ao conhecimento, decerto a mudança será iminente. A

filosofia associada a ruptura com o não saber, fará o aluno sair do estado inane que se encontra, e chegar ao conhecimento de sua subjetividade, o qual lhe pode conduzir a mudança satisfatória de comportamento.

Conclui-se que a passagem do senso comum à consciência filosófica é condição necessária para situar a educação numa perspectiva revolucionária. Com efeito, é esta a única maneira de convertê-la em instrumento que possibilite aos membros das camadas populares a passagem da condição de “classe em si” para a condição de “classe para si”. Ora, sem a formação da consciência de classe não existe organização e sem organização não é possível à transformação revolucionária da sociedade. (SAVIANI 1989, p.13)

A formação do indivíduo é um processo constitutivo de personalidade. A educação no molde grego vislumbrava o indivíduo capaz de superar os desejos instintivos e chegar ao cultivo da razão. O homem na sua constituição biológica passava pelo crivo da Paidéia, de forma gradual objetivando discernir a virtude do vício e se tornava cidadão, capaz de cultivar o amor a sabedoria.

Platão expõe a transcendência humana a partir da razão, e elenca outros temas como liberdade do cidadão, família, felicidade, amor, que se encontram em sua obra ‘O banquete’. São textos que estão muito presentes na reflexão e administração de aulas de filosofia no nível médio.

É salutar observar que a teoria clássica prioriza a capacitação não somente intelectual do indivíduo, mas, sobretudo incutir em sua mente, a prática do bem, tornando-o seguidor e praticante de atitudes virtuosas. Para ser virtuoso o homem incluso desde criança circunscrito na formação permanente, aprende a praticar o que é legítimo do ponto de vista social, a ter honra, a cultivar o belo, a ser devoto de atitudes honestas, e assim converge para a construção de um cidadão íntegro. O finalismo político aristotélico supõe a educação como base de toda sociedade organicamente equilibrada. O governante sabe governar segundo leis aprendidas no território de origem, em contato com seu mundo, sabendo por experiência, agregada a teoria o que fazer para que a contínua organização social seja sabiamente continuada.

O elemento básico do pensamento do filósofo é que aquele que se destina a governar deverá primeiramente aprender, mediante certa educação, a ser corretamente governado. Logo, visto que o mesmo indivíduo viverá primeiro como governado e depois como governante, essa deverá constituir a linha mestra do pensamento do legislador, que terá de descobrir os meios que permitirão aos homens tornarem-

se virtuosos e eficientes para seus Estados. (HOURDAKIS, 2001, p. 23)

Os textos da filosofia Platônica contribuem de forma direta para o ensino de filosofia no nível médio. Mesmo percebendo que ainda existe muita dificuldade quanto a sistematização desses conhecimentos textuais pelos professores desse nível de ensino, já se conta com manuais bem elaborados e com a preocupação de oferecer suporte de cunho pedagógico e didático aos educadores que convivem com esse desafio do ensino de filosofia no nível médio. Ora, não se pode ensinar filosofia utilizando-se de prática autoritária, pois a aprendizagem filosófica se concretiza via dialética; na implicação de debates, indagações, pontos de vista convergente e divergentes, que desaguam em sínteses seguras. A educação se efetiva no contato democrático entre professor/aluno/conhecimento, cuja sintonia origina, amplia e qualifica a aprendizagem. Por isso a filosofia se inclui como atividade cognitiva emancipatória, no âmbito da formação humana, posto que instiga o saber, promove a coerência de atitudes livres e corretas, a partir do exercício das virtudes no convívio social.

As relações entre Educação e Filosofia parecem ser quase “naturais”. Enquanto a educação trabalha com o desenvolvimento dos jovens e das novas gerações de uma sociedade, a filosofia é a reflexão sobre o que e como devem ser ou desenvolver estes jovens e esta sociedade. (LUCKESI 2010, p.31)

A educação humana não é estanque, posto ser o indivíduo capaz de mudar a cada ciclo cultural, e com o usufruto de seu potencial subjetivo aprende a transpor obstáculos, reinventa-se a si próprio. Todavia o homem é historicamente social, segue padrões que servem para moldar sua natureza e conduta social, visto ajudá-lo a conviver harmonicamente. Por isso, educar o indivíduo é formar o cidadão, haja vista, a pedagogia grega no parâmetro democrático, supõe atividade política, em virtude do coletivo. Neste caso se torna importante ter leis civis que assegurem a integridade física e moral de todos. O Estado deve providenciar estatutos educacionais que levem em conta a formação tanto intelectual quanto humana, sem acepção de classe, religião ou etnia.

O modelo educacional citado por Aristóteles em sintonia com o de Platão leva em conta a capacitação do indivíduo para a excelência do grupo, tendo em vista a consciência intelectiva simultânea à prática da virtude. Aristóteles investe numa pedagogia de ensino que implica valorização das leis, do estatuto pedagógico que

deve ser levado a cabo sem restrições, para evitar reticências na conduta futura do cidadão. A educação proporciona ao homem conhecer a virtude e por intermédio do hábito alicerçado pela sistemática da lei, que lhe conduz a prática da justiça, não de acordo com caprichos subjetivos, mas tendo em vista o Outro.

Logo, é evidente que os princípios gerais da educação dos cidadãos são estabelecidos por meio de leis, e que essas leis deverão ser independentes do número de cidadãos que serão educados, que se trate de um só cidadão ou de muitos. Logo, a parte da legislação que assegura a aplicação geral da virtude é aquela que apresenta uma relação com a educação pública e para todos. Portanto, a principal conclusão que se extrai do estudo da Ética a Nicômaco, é que somente a educação permite ao homem desenvolver a mais importante de todas as ciências, aquela que tem o papel mais importante de comando: a política, e que é absolutamente necessário que sejam elaboradas regras de educação que sigam a teleologia da cidade-estado. (HOURDAKIS, 2001, p. 23)

A educação atual pode extrair contributos válidos da pedagogia aristotélica, sobretudo quanto a atenção remetida a juventude, pois se não houver um modelo educacional metodologicamente prático a educação terá falhas. O estado para Aristóteles é o principal responsável pela capacitação do cidadão, principalmente no curso de sua vida, aliás, como fora dito, desde a mais tenra idade até a fase adulta. Por isso, não importa ter instituições em pleno funcionamento, mas a qualidade do ensino faz a diferença, sobretudo no futuro da sociedade que depende do padrão educacional efetuado. A filosofia “impõe” reflexões sobre o nível de escola que existe na atualidade.

A educação é tão valiosa para Aristóteles que deveria ser adotada como responsabilidade do estado, pois o próprio governante advinha da polis, e receberá a instrução adequada para o exercício do poder, a partir do contato com a educação.

...o legislador deve ocupar-se seriamente da educação dos jovens, pois quando isso não ocorre provoca danos nas cidades, uma espécie de patologia ou de desgaste para o regime. Será preciso, com toda certeza que a educação e a formação do cidadão sejam conforme a moral, caráter que convém a todo regime, pois é desse modo somente que o regime fica garantido e estabelecido desde o início. (HOURDAKIS, 2001, p. 23)

O homem, sem exceção, é consequência da educação recebida durante seu histórico de vida. O ato de educar deve evitar a improvisação; todavia se tem ciência que a formação não se restringe ao espaço da escola; mas o ensino sistemático deve

ser criterioso, carece de métodos bem planejados, em virtude da formação profissional do indivíduo. Aristóteles comprehende que o conteúdo a ser transmitido para o discente deve seguir um método previamente elaborado, para que o objetivo primordial que é a ciência, ou episteme seja comprehendido de forma gradual ou sistemática. Com a ciência abstraída, o seu uso tem como fim compreender a essência das coisas, por isso a lógica epistemológica produz um saber real, crivado por analogia, dialética, partindo do empírico para se chegar ao conhecimento excelente.

Na verdade, o específico, o particular e o furtuito são o limite do conhecimento. E isso porque o conhecimento possui de um lado, o sinal distintivo da generalidade e, de outro, é sempre, também, o conhecimento da causa. Isso significa que, num método pedagógico cujo objetivo é levar o aluno a aquisição do conhecimento e da ciência, uma vez constatado o fenômeno, será preciso em seguida buscar o porquê, na medida em que o porquê é o que prova e explica. É, por isso que Aristóteles caracterizou a ciência como método demonstrativo. (HOURDAKIS, 2001, p. 23)

O fundamental no ensino de filosofia é levar o aluno a analisar o objetivo de sua ação, ter ciência do valor do saber adquirido, e investigar o sentido exato dos fatos, partindo sempre da dúvida, nunca de conclusões; pois o método indica o caminho, mas não propõe resultados fechados. No diálogo em sala o aluno pode exercitar o espírito, na arte dialética em busca de solucionar dúvidas iminentes. Aristóteles incentiva a busca do saber a partir dos fenômenos empíricos, dos juízos abstraídos reflexivamente sobre os fatos naturais, condutas humanas, e diálogos que formarão a base cognitiva sólida para conclusões sóbrias.

4.3 As características do ensino/aprendizagem de filosofia

A filosofia e seu ensino deve ser regra enquanto formação regular não simplesmente do aluno, mas do cidadão, compreendido como pessoa. Neste parâmetro, a pergunta subsequente demonstra a opinião dos professores acerca da responsabilidade que, os próprios professores assumem, quando da atividade docente, cuja função é conduzir o aluno ao conhecimento, sendo mediador, não fazendo por ele, mas sendo co-participe, fazendo do saber uma atividade interativa.

Pergunta: O que fazer para que os alunos intensifiquem o gosto pela filosofia e como orientá-los para o valor que a filosofia tem para a história e educação integral do aluno?

Esta questão exige do próprio docente, possível solução para a falta de envolvimento dos alunos em relação ao conteúdo filosófico.

Veja abaixo, os seguintes comentários dos professores:

Professor A: Uma sugestão seria construir com ele um trabalho em filosofia, ou que fosse possível encontrar a contribuição e participação de todos no processo de ensino aprendizagem. Outro fato é tornar a filosofia um saber mais próximo do aluno, mais voltado para sua realidade.

Professor B: Relacionar o conteúdo com a realidade dos alunos e a importância da filosofia e do filosofar para construir um mundo diferente.

Professor B: Dinamizar as aulas e proporcionar a descoberta do questionamento diário sobre tudo, formando conceitos ou reconstruindo, ou mantendo só que de forma crítica.

Professor C: Ministrar aulas dinâmicas que alie conhecimento tanto filosófico com social. Aulas que sempre mostrem a pertinência da filosofia à vida, ou conscientização que permite a necessária inserção política do aluno na sociedade.

Professor D: Deve partir do professor e da escola, demonstrando interesse e respeito pela disciplina.

Os professores emitem prospectivas para o futuro do ensino de filosofia, todavia a escola deve juntamente com o professor criar estratégias para ressignificar a docência, em virtude de atingir positivamente a mentalidade dos alunos acerca da filosofia. O professor dispõe de 50 minutos por semana para entrar numa turma – (tempo reduzido) que deve ser utilizado da melhor forma possível; do contrário, a disciplina não será ensinada, tampouco aprendida. Além do tempo diminuto, existe o incômodo reticente dos alunos, e outras circunstâncias adversas (dispersão, indisciplina, conversas paralelas, descaso com a disciplina e com o professor, e evasão escolar) que surgem no cotidiano da classe.

Em tese, os professores emitem sugestões, que podem mudar o cenário contemporâneo, tendo ciência que a filosofia é uma disciplina importante, sobretudo para que os alunos, quando ciosos de seu valor, possam observar a realidade sem posturas alienantes.

O aprendizado não pode ser circunscrito aos limites de uma aula, da audição de uma conferência, da leitura de um livro; ele ultrapassa todas essas fronteiras, rasga os mapas e pode instaurar múltiplas possibilidades. E o que pelo processo das filosofias, para descobrir senão essa busca dos horizontes, para questioná-los uma vez e outra

mais, para descobrir que não há horizontes? Das palavras de Deleuze, podemos inferir que o processo do filosofar é análogo ao processo da aprendizagem; o hiato entre o saber e o não-saber; phylo-sophia, movimento do não saber à sabedoria, sem nunca atingir esta última, mas jamais retornando ao primeiro. (GALLO, 2012; 47)

O ensino público no Brasil é contraditório, haja vista, existem propósitos pedagógicos que se forem colocados em prática poder-se-ia falar de qualidade de ensino; posto que as estatísticas demonstram um percentual social escolarizado bastante animador, todavia na prática a qualidade educativa não equivale a quantidade demonstrada nas planilhas das secretarias de educação Estaduais. São bastante visíveis as dificuldades de lecionar qualquer disciplina no ensino público, principalmente quando se leva em conta a inclusão da disciplina filosófica. O exercício docente não é fácil, principalmente quando a tônica é filosofia.

Existe certa resistência por parte dos alunos em relação ás ciências humana, e sobremodo a filosofia, talvez pelo valor que lhe seja atribuída na história brasileira, principalmente a partir de 1964, com a instituição do período de repressão designado como Regime Militar. A filosofia é um mecanismo reflexivo sobre a realidade, elevando o nível crítico sobre acontecimentos históricos e instituições sociais, principalmente quando se erige regras que agredem a liberdade e a ética social.

A filosofia e seu ensino podem modificar o jeito comum de se observar a história, superando preconceitos históricos, pois no Brasil, o séc. XX foi marcado por sistemas políticos totalitários, em que o ensino de filosofia fora tolhido de sua função genuína, haja vista ficava a margem ou sob o crivo do poder, sem executar seu protagonismo revolucionário. O sistema político não subsidiou a dinâmica da ação da filosofia, pois o contato com seus textos foi subtraído das bibliotecas públicas, sobretudo do ensino regular.

A força do propósito da filosofia tem valor surpreendente para o Ensino Médio, pois possibilita rever os fatos antigos, planejar intervenções didáticas, vendo as possibilidades profiláticas do futuro. A filosofia clássica modifica produtivamente a mente do aprendiz, sendo a base epistemológica e ética para transformar a conduta contemporânea do indivíduo. Ora, o que se viu foi um sistema político que não levou em conta a importância dos textos clássicos, visto que priorizava a aprendizagem técnica, conteudista, evitando o diálogo e a efetivação da ética como necessidade humana. Todo sistema que oprime o indivíduo deve ser evitado, pois a ética visa o

bem comum, e nenhum sistema político deve privilegiar um grupo em detrimento do todo, pois a sociedade tem direito homogêneo ao bem público.

É importante dizer que a trajetória histórica da Filosofia criou um conjunto de significados que procuram interpretá-la, compreendê-la, fundamentá-la, justificá-la, como horizonte apropriado para a construção de sentidos tanto para si própria quanto para a ciência e para a atribuição de um propósito à existência humana no mundo. Esse conjunto de significações foi-se estruturando, de modo que configurasse expressivo material de pesquisa e de reflexão, dando ensejo às mais diversas definições de Filosofia. Apesar disso e por conta do atual contexto histórico, estabeleceu-se um conjunto de tendências ou correntes que procuram instrumentalizar a prática filosófica. Esse conjunto tem suas características, fundamentos, expressões, qualidades e modos específicos de comunicação do conteúdo filosófico. (GHEDIN, 2008:36)

A arte de filosofar imprime revolução subjetiva, pois supõe visão dinâmica da realidade, partindo da mudança subjetiva, sendo intermediada pela escola, que de forma sistemática contribui para a aprendizagem integral do indivíduo. Não é fácil lecionar filosofia, todavia não se deve prescindir de seu papel emancipatório, capaz de instigar a personalidade, que contribui para o exercício das virtudes que viceja evolução social e subjetiva. A aquisição do conhecimento se concretiza na parceria discursiva, cuja dialética advém da alteridade, pelo saber intersubjetivo; daí a relevância da escola, visto que no grupo a aprendizagem se torna concreta, em virtude de uma pedagogia democrática.

Trazer para fora o saber pessoal, é função excelente da escola, que planeja e executa no universo da sala, a transformação cognitiva do aluno. O método socrático se torna paradigmático para iniciar a conversação, haja vista mesmo existindo apatia histórica em relação à filosofia, o professor pode ‘quebrar paradigmas’ e tornar o ensino filosófico atraente e transformador. Os sábios gregos podem ser atualizados em cada discussão filosófica, que dão suporte para efetivar a ética na sociedade contemporânea que porta problemas estruturais grotescos. A filosofia surge dentro de uma realidade específica (Grécia Clássica), por isso, tem o poder de transpor o tempo e auxiliar outros contextos, a compreender, as vicissitudes de cada realidade.

A filosofia legou para a humanidade o estatuto de uma filosofia que quando bem utilizado pode mudar o conceito usual de ensino. As transformações sociais devem ser compreendidas, estudadas e analisadas segundo critérios racionalmente contextualizados. O contributo filosófico das filosofias pode servir de suporte para

assegurar a qualidade do ensino, desde que bem lecionadas. Propõe-se envolver o adolescente no processo de resgate da trajetória da humanidade, do desempenho cultural da espécie humana, o que, afinal, ele estará fazendo também nas outras disciplinas, da perspectiva científica.

A trajetória do aprendizado do jovem requer estudo, dedicação exclusiva para apreender os fatos históricos, com suas características culturais, ideologias, e símbolos que fazem parte de um complexo antropológico que implicam formação integral do cidadão. A filosofia quando utilizada sem interditos, transforma positivamente a atividade social dos indivíduos. A transformação histórica não acontece de forma brusca, mas implica insistência nas intervenções cognitivas, persistência nas lutas culturais, pois mudança implica ruptura de paradigmas e superação de costumes até então intocáveis.

A filosofia faz alusão à superação de costumes retrógrados que inibem o protagonismo antropológico da sociedade. Ficar arraigado à cultura vigente é cômodo para o indivíduo e para o sistema que comanda a sociedade. A filosofia não se contenta com o trivial, haja vista a razão tem produzido saber inédito, causado estupor e resistência por parte do poder vigente, todavia trouxe evolução tecnológica e humanizadora para a história da história.

A competição da era moderna trouxe desafios iminentes para a humanidade e também para o ensino de filosofia, sobretudo na escola pública. Hoje, é factual a exigência de profissionais qualificados em todos os setores do mercado de trabalho, principalmente nas salas de aula, pois destas, saem os futuros cidadãos do futuro. Gente especializada, perita em determinados ramos do conhecimento, se tornou urgente, haja vista a solução de problemas emergenciais, ratifica a necessidade de material humano competente. Ora, ter conhecimento suficiente para exercer com proficiência determinada função, requer estudo, capacitação intelectual, tempo destinado a formação integral profícua, em virtude de aprimoramento intelectual e técnico.

Ninguém consegue se projetar socialmente por acaso. A filosofia em qualquer fase da vida se torna imprescindível, pois dilata a mente para apreender conteúdos e construir conceitos produtivos em virtude das exigências do futuro. No ensino regular que compreende o ensino fundamental e médio, o aluno adquire base cognitiva suficiente que lhe credencia chegar ao ensino superior. Quem tem frequência de

leitura na fase pré-universitária, contém suporte cognitivo seguro para equacionar seu repertório intelectual.

Neste caso, a pedagogia do aprendizado no ensino médio, supõe técnicas efetivas para inserir o formando no mundo universitário, que só pode dar certo, se houver predisposição para leituras consequentes, neste caso, a filosofia tem muito a contribuir, desde que seja lhe favorecido espaço para que seu conteúdo seja difundido.

(...) o saber fazer bem tem uma dimensão técnica, a do saber e do saber fazer, isto é, do domínio dos conteúdos de que o sujeito necessita para desempenhar o seu papel, aquilo que se requer dele socialmente, articulado com o domínio das técnicas, das estratégias que permitam que ele, digamos, “dê conta de seu recado” em seu trabalho.(RIOS, 1999, p 47)

Ao término do ensino médio, o profissional teoricamente já está apto adentrar à universidade. Detalhe significativo se observa na atualidade, pois com a proliferação de faculdades em diversas regiões do Brasil, a quantidade de pessoas com o ensino superior, se tornou numerosa. A implicação desta pesquisa versa sobre a qualidade do ensino de filosofia, que é uma disciplina que também prepara o cidadão para o ensino superior. A formação cognitiva do estudante do ensino médio propõe questões que são relevantes, por não dizer imprescindíveis como: aptidão para leituras contínuas e direcionadas; hábito por pesquisa, visão crítica da história.

O ato de ler requer compreensão, haja vista pesquisa de termos desconhecidos, para enriquecer o vocabulário e ampliar o conhecimento, e a filosofia não pode ser apreendida se não houver trato com textos, livros, dicionários, pois ler é primordial para evolução intelectual.

“A leitura é como um meio de aproximação entre os indivíduos e a produção cultural, podendo significar a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento e intensificar o poder de crítica por parte do público leitor, e assim expressar os anseios da sociedade”.(ZILBERMAN e SILVA ,1998)

Neste caso, ler é regra básica para quem planeja conquistar espaço na sociedade globalizada. No caso do ensino de filosofia, o ato de ler se torna capital para interpretação de textos que surgem no cotidiano acadêmico. O texto apresenta signos gráficos óbvios, como palavras, parágrafos, períodos, que formam o sentido concreto do texto impresso. Existe no texto o contexto, que o estudioso tem que

apreender a semântica histórica, o sentido que está velado, que somente o leitor atento pode observar. Por isso, ler ultrapassa a apreensão de códigos linguísticos, implica adentrar as entrelinhas, aos bastidores do texto impresso, e conhecer suas nuances.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia tateia num cenário educacional bastante inseguro, mesmo tendo a credencial de obrigatoriedade no ensino Médio, todavia, seu legado transformador, precisa ser novamente inculcado, em virtude de mudanças históricas. A partir do que fora exposto nesta pesquisa, tanto pelas estatísticas e questionários, quanto pela fundamentação teórica dos autores afins, quando existe parceria (no caso do cenário educacional), mudanças sóbrias podem acontecer.

A pesquisa versou sobre o ensino de filosofia nas quatro escolas do Crato. O ensino intencionalmente ministrado em sala emite algumas lacunas que implica no sério descaso quanto ao conteúdo filosófico. Os professores que lecionam na sua grande maioria legalmente não têm competência para o ensino, todavia assumem turmas que de direito deveria ser efetivada por filósofos. Ora, a qualidade do ensino não equivale ao valor que a filosofia comporta, pois sendo “ciência” milenar, contém em seu bojo, valores formativos excelentes que deve ser conferido no cenário educativo moderno.

No contexto da sala os professores executam planos previamente esquematizados, porém a inclinação do discente para o ensino não contribui para um aprendizado conciso. Vídeos, aulas expositivas, textos extras, talvez possam reduzir a indiferença do aluno em relação à filosofia, em contrapartida, o saldo obtido pela pesquisa, impõe outra realidade, posto não é otimista. A realidade do ensino/aprendizagem nas respectivas escolas demonstra relativa apatia do corpo docente com o ensino, e antipatia ou indiferença do aluno concernente ao conteúdo filosófico.

Desta forma, a pesquisa realizada constata que a hipótese inicial deste trabalho é completamente verdadeira pois, as estratégias aplicadas pelos professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Filosofia contribuem com a fragilidade para o desenvolvimento da criticidade dos alunos do Ensino Médio das escolas públicas da cidade do Crato, no estado do Ceará.

A postura intelectual do aluno repercute no ensino ministrado, pois é concreta a atitude passiva do professor em função da apatia da turma, pois na sala o professor se sente refém da indisciplina, falta de compromisso com o estudo, que converge no fracasso em relação a educação filosófica. A criticidade que a filosofia deve gestar na mente do aluno, pouco vigora, pois, filosofia implica leitura, concentração, reflexão

efetiva; porém o contexto socioeducativo não contribui para a proliferação da reflexão filosófica.

A instrução é fundamental, por isso, educar implica determinação da parte de quem conduz a aprendizagem. Aliás, na escola pública existe relativismo quanto ao ensino, pois o que existe não é de qualidade, posto que, os alunos concludentes do ensino Médio, não raro saem sem condições epistemológicas concretas para ingressar no ensino superior.

Se em outras disciplinas, se torna demonstrável as devidas fragilidades de aprendizagem; superior dificuldade será a apreensão da filosofia, pois esta só aparece no primeiro ano do Ensino Médio. É comum, o descaso com o conteúdo filosófico, sem equivalente valia disciplinar, análogos a outros conteúdos. É óbvio que a filosofia, ao encontrar terreno fértil para seu plantio, será fecunda sua produção, pois transformará a vida humana, todavia na escola pública, a situação não se constitui satisfatoriamente, pois o ensino é frágil e a aprendizagem reticente.

A filosofia dentro de sala é uma aposta ao pensamento, é uma possibilidade de transformação do sujeito. Daí a importância para cada aluno, do estudo de Filosofia e, consequentemente, para toda a sociedade, pois esta disciplina busca despertar o senso crítico, o desenvolvimento de consciência ativa num mundo marcado por contradições históricas.

É seguro que a filosofia tem um valor histórico pela sua grandeza e pela contribuição incomensurável para as demais ciências. Infelizmente, esta ideia não é conhecida pelos alunos do ensino médio que enveredam por uma postura completamente anti-filosófica.

A filosofia sem o ensino de qualidade dificilmente pode causar efeito positivo para a história, sobretudo a educação moderna, pois não havendo ensino, o aprendizado inexiste. Neste parâmetro, o desenrolar do ensino filosófico sofre com a falta de objetividade de seu método, levando-se em conta que a escola pública, no caso específico das quatro do Crato, o aluno não é preparado para aprender filosofia.

A filosofia tem valor superabundante, visto elevar a reflexão, instigar a leitura contínua, tornar o aluno afeito a crítica social e cultural. Tendo em vista as respostas sobre a importância da filosofia para a sociedade, se observa o reconhecimento de seu valor; embora na prática se constitua como inoperante. Ora, somente no ensino médio a filosofia é enxertada no currículo escolar. Supõe-se que a maioria dos alunos outrora nunca ouviu falar em filosofia. O professor tem a incumbência de

pedagogicamente conduzir o aluno ao universo filosófico, sendo que na escola pública, as dificuldades são iminentes. A pesquisa expõe estas questões, e instiga a reflexão sobre o valor de se formar homens e mulheres capazes de refletir sobriamente sobre as circunstâncias históricas e ideológicas. A sala de aula é o lugar especial onde na interação professor/aluno, se houver empatia sobretudo com o conteúdo ministrado, o conhecido se tornará profícuo.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Leonel Vallandro, Porto Alegre: Editora Globo, 1969.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº. 5692**. República Federativa do Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Brasília, 1971.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº. 9394**. República Federativa do Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Brasília, 1996.
- BRASIL, **Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Ciências Humanas e suas Tecnologias. vol III**. Ministério da Educação e Cultura, Brasília, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 38/2006 de 07 de julho de 2006. **Inclusão obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio**. Brasília. Agosto de 2006.
- COMTE-SPONVILLE, A. **Uma educação filosófica e outros artigos**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1997.
- CERLETTI, A. A.; KOHAN, W. O. **A Filosofia no Ensino Médio: caminhos para pensar seu sentido**. Trad. de Norma Guimarães Azeredo. Brasília: UNB, 1999.
- CERLETTI, Alejandro A. **Ensinar filosofia: da pergunta filosófica à proposta metodológica**. In: **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- CERLETTI, A. A.; KOHAN, W. O. **A Filosofia no Ensino Médio: caminhos para pensar seu sentido**. Trad. de Norma Guimarães Azeredo. Brasília: UNB, 1999.
- COTRIN, Gilberto **Fundamentos da filosofia, historia e grandes temas**. Editora saraiva. 2006
- GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia: Uma didática para o ensino médio**. Campinas: Papirus, 2012.
- GALLO, S.; KOHAN, W. **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GHEDIN, Evandro. **Ensino de filosofia no ensino médio**. São Paulo: Cortez, 2008.
- HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga? Leituras filosóficas**; São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- HEGEL, Georg W. F. **Discursos sobre educação**. Lisboa: Colibri. 1994
- HORURDOAKIS, Antoine. **ARISTÓTELES e a educação**; Trad. Luiz Paulo Rouant. São Paulo: Edições Loyola. 1998.
- HEIDEGGER, Martin. **Que é isto? A Filosofia?** São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- JAEGER, Werner, 2011. **PAIDÉIA: Formação do homem grego**; Tradução: Artur M. Moreira; Editora Martins Fontes. São Paulo.
- JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo Cultrix. 1978.
- JENKINS, Keith. **A História Repensada**. São Paulo, Contexto. 2001.

- KANT, Immanuel. "Resposta à pergunta que é Esclarecimento?". Traduzido por Floriano de Souza Fernandes. In: Textos seletos. Petrópolis: Vozes, 1974.
- KOHAN, W. O.; WAKSMAN, V. ***Filosofia para crianças na prática escolar.*** 2^a ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 85-112. (Série Filosofia na Escola, 2)
- LAKATOS. Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia Científica.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação.** Coleção Magistério. São Paulo: Cortez, 2010.
- LIPOVESTKKY, Guilles. **Os tempos hipermodernos.** São Paulo; Barcarolla. 2004.
- LUKÁCS, Georg. **El Asalto a la Razón: La trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler.** Trad.: Wenceslao Roces, 2^a ed., Barcelona, Grijalbo, 1978, 710pp.
- MONTOYA, I. Kruger; PACHECO, Yara de Macedo. **Os desafios da Universidade na Sociedade do Conhecimento.** In: BEHRENS, Marilda Aparecida (org). **Docência Universitária na Sociedade do Conhecimento.** Curitiba: Champagnat, 2003.
- MURCHO, Desidério. **A natureza da Filosofia e seu ensino.** Lisboa: Plátano, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich; **Escritos sobre educação;** Rio de Janeiro; PUC-Rio; São Paulo: Loyola. 2003;
- OBIOLS G. **Uma introdução ao ensino da filosofia.** Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2002.
- OLIVEIRA, J. F; FONSECA, M; AMARAL, N. C. Avaliação, desenvolvimento institucional e qualidade do trabalho acadêmico. **Educar em Revista**, v. 28, 2006.
- PAVIANI, Jaime; **Platão e a educação.** Editora Autentica 2008.
- PLATÃO. A República. Lisboa: Fundação Caloustre Gulbenkian, 1987.
- REZENDE, Antonio (org). **Curso de Filosofia: para professores e alunos dos cursos de segundo grau e de graduação.** 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 14.
- RIOS, Terezinha A. **Ética e competência.** 7. ed., São Paulo: Cortez, 1999.p. 47
- RUBIN, Achylle Alexio. Minha pequena Filósofa: Minha pequena filosofia. Santa Maria: Pallotti, 2001.
- SAVIANI, Demerval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica.** ed. Cortez São Paulo:, 1989.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia.** 2^o Ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- VAZ Henrique Lima. **A filosofia no Brasil, hoje.** Cadernos do SEAF, v.1, n.1.Belo Horizonte, 1978.
- ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares.** São Paulo: Ática, 1998.
- MENDONÇA, D. GARCIA, J. BASTOS, Sergio R.(org) **historia-do-crato-resumo-histórico.** Disponível em: <http://blogdocrato.blogspot.com.br/2012/2012>. Acesso em 24/07/2013.

ÍNDICE REMISSIVO

A

- Academia, 15
- Aluno, 10, 11, 12, 17, 24, 26, 28, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 78, 79, 81, 82, 85, 86
- Alunos, 9, 10, 11, 12, 17, 18, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 78, 79, 80, 85, 86, 89
- Aprendizado, 11, 19, 26, 31, 32, 35, 39, 40, 41, 43, 44, 49, 50, 52, 53, 56, 59, 60, 63, 64, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 79, 82, 83, 85, 86
- Aristóteles, 15, 16, 23, 70, 76, 77, 78
- Atividade, 12, 14, 17, 18, 21, 22, 30, 52, 56, 68, 69, 74, 76, 78, 82
- Autores, 10, 26, 52, 68, 70, 85

C

- Cidadã, 12, 56, 71, 73
- Cidadania, 11, 24
- Científica, 16, 19, 82
- Científico, 13, 16, 20
- Cognitiva, 24, 33, 40, 41, 43, 47, 57, 58, 59, 63, 68, 70, 71, 73, 76, 78, 81, 82, 83
- Conhecimento, 13, 15, 16, 19, 21, 24, 25, 28, 33, 40, 41, 42, 45, 47, 49, 51, 54, 56, 57, 59, 61, 63, 67, 70, 72, 74, 76, 78, 79, 81, 82, 83
- Contemporânea, 10, 16, 17, 24, 37, 43, 45, 49, 64, 80, 81
- Crato, 9, 10, 11, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 38, 40, 41, 42, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 58, 61, 62, 63, 71, 73, 85, 86
- Criticidade, 10, 27, 28, 58, 85

D

- Debates, 14, 18, 52, 65, 76
- Dialética, 15, 24, 57, 74, 76, 78, 81
- Didáticos, 18, 39, 40, 60, 67, 69
- Digital, 24, 39
- Disciplina, 8, 9, 10, 11, 12, 17, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 71, 72, 73, 79, 80, 83, 85, 86
- Disciplinas, 17, 18, 24, 26, 30, 34, 37, 38, 39, 41, 47, 51, 53, 54, 56, 57, 62, 64, 68, 71, 82, 86, 88

E

- Educação, 10, 12, 14, 15, 17, 19, 22, 36, 37, 42, 44, 58, 61, 62, 63, 64, 68, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 85, 86, 88, 89
- Educacionais, 11, 23, 24, 76
- Educacional, 11, 23, 24, 25, 36, 43, 44, 56, 61, 62, 63, 65, 66, 71, 76, 77, 85
- Educador, 14
- Ensino, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 51, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 89
- Ensino médio, 9, 10, 21, 24, 30, 56, 61, 62, 64, 73, 83, 86, 88
- Ensino/aprendizagem, 10, 11, 31, 38, 41, 55, 56, 78, 85
- Entrevistados, 10
- Epistemológico, 13, 19, 54, 61, 68
- Escola, 10, 11, 13, 15, 16, 17, 19, 24, 25, 26, 28, 30, 31, 35, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 57, 59, 61, 62, 63, 65, 67, 68, 71, 77, 79, 81, 82, 86, 87
- Escolar, 11, 17, 24, 25, 26, 30, 35, 40, 41, 57, 59, 61, 66, 69, 79, 86, 89
- Escolas, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 17, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 71, 73, 85
- Estado, 9, 10, 20, 28, 29, 34, 35, 37, 40, 41, 56, 59, 70, 71, 76
- Ética, 18, 19, 23, 48, 63, 72, 80, 81

F

- Filosofia, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 89
- Filosofia, 7, 9, 10, 11, 17, 21, 24, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 47, 48, 53, 56, 57, 60, 64, 66, 76, 81, 85, 86, 88, 89
- Filosófica, 9, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 22, 25, 26, 30, 32, 35, 39, 40, 42, 46, 47, 49, 51, 53, 56, 60, 61, 72, 74, 75, 76, 80, 81, 85, 86, 88, 89
- Filosófico, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 32, 34, 35, 40, 41, 44, 45, 47, 49, 51, 57, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 68, 69, 70, 72, 79, 81, 85, 86, 87, 88

Formação, 9, 11, 12, 16, 17, 22, 25, 32, 33, 43, 51, 56, 61, 62, 63, 65, 66, 70, 71, 75, 76, 77, 78, 82, 83

G

Governamentais, 20

H

Histórica, 19, 21, 41, 49, 69, 73, 74, 81, 82, 84

I

Indivíduo, 11, 12, 19, 21, 29, 48, 51, 53, 62, 70, 75, 76, 78, 80, 81, 82

Intelectuais, 26, 69

L

Lecionada, 12, 47

Lecionar, 17, 24, 35, 38, 40, 71, 80, 81

M

Mitos, 49, 72

Município, 10

O

Ontologia, 16

P

Pedagogia, 14, 17, 21, 24, 31, 32, 38, 61, 66, 74, 76, 77, 81, 83

Pedagógico, 35, 36, 38, 51, 65, 76, 78

Pesquisa, 10, 11, 12, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 37, 39, 41, 43, 50, 51, 53, 59, 60, 64, 65, 72, 81, 83, 85, 87

Platão, 8, 14, 15, 64, 70, 75, 76, 89

Político, 13, 19, 23, 75, 80

Professor, 10, 11, 12, 15, 17, 18, 24, 26, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 79, 81, 85, 86

Professores, 7, 9, 10, 11, 14, 18, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 44, 45, 47, 48, 49, 53, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 76, 78, 79, 85, 89

Projeto, 10, 24

Pública, 10, 14, 29, 30, 36, 38, 39, 41, 44, 50, 55, 57, 60, 65, 66, 77, 82, 86, 87

Q

Questionário, 10, 28, 29, 31, 32, 34, 39, 41, 42, 44, 47

R

Reflexão, 16, 22, 24, 25, 35, 47, 53, 54, 60, 65, 69, 73, 75, 76, 81, 85, 86

S

Sala de aula, 9, 10, 11, 17, 24, 25, 30, 31, 33, 36, 39, 40, 41, 43, 49, 53, 54, 55, 58, 64, 65, 87

Segregação, 50

Sociedade, 11, 17, 19, 21, 22, 24, 25, 39, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 59, 62, 63, 67, 75, 76, 77, 79, 81, 82, 83, 86

Sociocultural, 20

Sócrates, 8, 14, 15, 74

Sofistas, 14, 65

Sofístico, 14

T

Teóricos, 9, 52, 72

A filosofia tem valor superabundante, visto elevar a reflexão, instigar a leitura contínua, tornar o aluno afeito a crítica social e cultural. Tendo em vista as respostas sobre a importância da filosofia para a sociedade, se observa o reconhecimento de seu valor; embora na prática se constitua como inoperante.

Ora, somente no ensino médio a filosofia é enxertada no currículo escolar. Supõe-se que a maioria dos alunos outrora nunca ouviu falar em filosofia. O professor tem a incumbência de pedagogicamente conduzir o aluno ao universo filosófico, sendo que na escola pública, as dificuldades são iminentes.

A pesquisa expõe estas questões, e instiga a reflexão sobre o valor de se formar homens e mulheres capazes de refletir sobriamente sobre as circunstâncias históricas e ideológicas. A sala de aula é o lugar especial onde na interação professor/aluno, se houver empatia sobretudo com o conteúdo ministrado, o conhecido se tornará profícuo.

